



FACULDADE DE CIÊNCIA DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE E DO ENVELHECIMENTO PELA PERSPECTIVA DOS JOVENS

DEA MONTEIRO BONATES

Brasília-DF
NOVEMBRO/2005

DEA MONTEIRO BONATES

**ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA
VELHICE E DO ENVELHECIMENTO PELA
PERSPECTIVA DOS JOVENS**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de Psicologia
do UNICEUB – Centro Universitário de
Brasília. Professor orientador: Hiram
Valdes Casal

Brasília/DF, novembro de 2005.

Dedico este trabalho

À Giorgia, minha filha, por sua sabedoria.

À Sandra, minha filha, pelo seu exemplo.

Ao Felipe, meu filho, pela falta que lhe fiz.

Ao Paulinho, meu marido, pelo tanto que me ajudou.

À Inez, minha irmã, por seu apoio em todos os sentidos.

Às companheiras do *Tapioca com Goiabada*, por sua escuta.

Ao velho Monteiro, por ser meu pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os colegas e professores com os quais travei embates acadêmicos ao longo dessa jornada de cinco anos: muito aprendi, muito tenho a aprender.

À professora Cristina Loyola pelo seu respeito a todas as abordagens.

Ao meu chefe Pedro Antonio por sua compreensão.

Ao meu orientador Dr. Hiram Valdes por sua competência e saber.

Às amigas Claudinha, Larissa, Shirlei e Luzia pelos estudos em muitos sábados à tarde.

À minha amiga Flávia pelas longas conversas que, certamente, nos fizeram melhores.

Agradeço, principalmente, à minha pequena Giorgia por ter compreendido o tempo que lhe roubei nesses cinco anos de luta e aprendizado.

“Não tenho temor à morte. O que dói é a dor de perder a vida, misturada com saudade dos gozos que ela me deu... me vejo jovem, descobrindo, aprendendo o que é o saber, encantado com o que ele podia oferecer...”

“Eu, pobre de mim, estive sempre tão ocupado em planos e fazimentos, com a vida me jogando daqui prali, desatento de mim mesmo, que até do amor vivi, se não abstente, quase sempre meio ausente e o tempo a me acabar, inclemente. Só agora, tão tardiamente, sinto a dor dos buracos de mim em que vivi ausente, desamado, enquanto o tempo me comia os idos. Inapelavelmente.”

DARCY RIBEIRO,
Confissões, escrito aos 75 anos.

SUMÁRIO

Introdução	07
2. Fundamentação Teórica	13
2.1 Etapas do Desenvolvimento	13
2.2 Marcos da Velhice	18
2.3 Tipos de envelhecimento – aspectos culturais, biológicos e psicológicos	22
2.4 As representações sociais	23
2.5 Representações sociais da velhice	27
3. Metodologia	32
3.1 Aspectos teóricos	33
3.2 Técnica	33
3.3 Amostra	34
3.4 Procedimentos	34
4. Resultados e Discussão	38
4.1 Interpretação das verbalizações por Categorias.....	38
4.2 Dificuldades encontradas.....	58
5. Considerações Finais	61
6. Referências Bibliográficas	63
Apêndices	65

RESUMO

O envelhecimento é uma realidade do mundo moderno. A expectativa de vida aumentou mais de 100% em 100 anos. A psicologia clássica do desenvolvimento pouco se preocupou com esse assunto, estudando o desenvolvimento mais cuidadosamente até a adolescência. Mais recentemente o progressivo aumento da expectativa de vida tem estimulado o desenvolvimento de diversos estudos a respeito deste tema. Podem ser citados entre os clássicos Eric Erikson, Jung e entre os mais modernos Baltes, Bandura e, no Brasil, Anita Liberalesso Néri é uma referência nesta área do conhecimento. No Brasil existem poucos estudos a respeito deste assunto e surgirão problemas sociais se não forem desenvolvidos conhecimentos nesta área. Diante deste quadro este trabalho investiga a representação social da velhice e do envelhecimento pela perspectiva dos jovens e tem como objetivos identificar como os jovens representam o ser velho e o próprio envelhecimento. A opção pela abordagem qualitativa preconizada por Rey decorre da análise do trabalho utilizar-se dos preceitos da Psicologia Social e dos aspectos teóricos das representações sociais e estes se basearem na importância dada à subjetividade para a análise. Portanto, para obtenção dos dados foi realizado um grupo focal, com participantes jovens de 20 a 27 anos, quando foram coletados os dados analisados. Identificaram-se as categorias *o que é ser velho, início da velhice, velho: palavra que incomoda, desejabilidade, próprio envelhecimento, relacionamentos, perdas e ganhos e morte* que foram interpretadas através da análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam que há ênfase nas características negativas de ser velho e positividade para a projeção da velhice para esse grupo estudado. Surgiram algumas indicações nos discursos que denotam aspectos de positividade nestas representações ainda que através de idealizações de como devam ser os velhos.

Palavras-chave: Representação social; negatividade; velhice; velho; jovens; envelhecimento.

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Ministério da Saúde – Programa de Saúde do Idoso, (2002) a população mundial está envelhecendo. Em 1900, a expectativa de vida no nascimento era de 33,7 anos, hoje ao nascer se tem a expectativa de viver em torno de 72 anos. Em 100 anos, a expectativa de vida aumentou mais de 100%, passando de 33,7 para aproximadamente 70 anos. Em termos absolutos, estamos falando de anos 36,3 de aumento na expectativa de vida. Neste mesmo período, o mundo não se preparou para conviver com o problema do envelhecimento.

A escolha do tema velhice como objeto de estudo começou com meu interesse pelo envelhecimento saudável, mesmo antes de saber que já existiam estudos categorizando diversos tipos de envelhecimento. E também por observar que algumas pessoas vivem como se nunca fossem morrer e outras que morrem em vida. Então pensei que buscar compreender como é o envelhecimento e como algumas pessoas convivem com o seu próprio processo de envelhecimento pode auxiliar na compreensão do envelhecimento como um processo que atinge a todos os indivíduos.

Por vivermos o mito de ser um país de jovens, que valoriza a juventude e, sobretudo a beleza, o problema do envelhecimento sempre nos pareceu dizer respeito aos países de primeiro mundo: Japão, países europeus e países da América do Norte, pois o envelhecimento sempre foi um problema de países desenvolvidos, entretanto, entre os aqueles que daqui a trinta anos terão as maiores populações de idosos, oito serão países em desenvolvimento, entre eles estará o Brasil (Ministério da Saúde – Programa de Saúde do Idoso 2002). Frente a essa realidade ou nos preparamos agora para enfrentar o problema do envelhecimento ou nos depararemos com um contingente de velhos, com necessidades e questões específicas e não teremos soluções ou alternativas para atender a essas demandas.

Vivemos o medo da velhice, mesmo quando estamos muito longe dela. O jovem teme a sua chegada ao observar ao seu redor a miséria disseminada, o que pode levá-lo a crer que sua própria velhice será sofrida, solitária e dependente, segundo Mascaro (2004). Vivemos em meio ao preconceito contra o velho, o pobre e o diferente. Segundo Mascaro (idem) projetamos a velhice como algo que pode vir a ser sombrio e

assustador. A mídia parece justificar tal afirmação, ao privilegiar imagens de saúde, beleza e juventude como sendo o modelo de bem-viver. Reforçando a imagem negativa e estereotipada de que velhice é sinônimo de doença, solidão e mal estar, portanto estudar a velhice pelo enfoque dos mais jovens possibilitará a compreensão do modo como representam este período da vida por aqueles que possivelmente serão os construtores das políticas públicas e ações que promoverão assistência à velhice.

Como ser velho numa sociedade que privilegia a rapidez, a agilidade, o vigor físico, a lucratividade, a competitividade e a eficiência em todos os sentidos? O capitalismo se desenvolveu suplantando o modo de produção artesanal, que valorizava o saber, permitia o controle de todas as etapas do processo produtivo. O capitalismo tem um modo típico de produção – a produção em série, a maquinização, a rapidez, o “tempo é dinheiro” e, sobretudo subverte a dimensão ecológica do tempo no dizer de Néri (1991), logo sendo contrário ao que se compreende do que é a velhice. Essa modernização trazida pelo capitalismo criou o estereótipo de competência voltado para a juventude e a rapidez, a força e a competitividade. Reproduzindo as relações do seu meio, o capitalismo organiza idéias, valores, princípios e doutrinas, que se refletem nas representações da velhice de acordo com as orientações básicas do modo de produção (Haddad, 1986). Que são, portanto, relações de desigualdade e assimetria, com alguns ditando o que muitos deverão pensar, fazer ou dizer ou, ainda, como ser.

A Gerontologia propõe duas teorias antagônicas para explicar o envelhecimento saudável: a da atividade e a do desengajamento. Na teoria da atividade proposta por R.S. Cavan, em 1962 (citado em Mascaro, 2004), o idoso mantém seus papéis sociais produtivos e caso os venha a perder deverá substituí-los por outros de modo a manter sua produtividade e, portanto, sua auto-estima positiva e satisfação com seu envelhecimento. Tal teoria serve de base para formulação de programas da terceira idade. Na teoria do desengajamento, proposta por E. Cuming e W.E. Henry, em 1961, (citado em Mascaro, 2004), o envelhecer é um processo de afastamento inevitável do mundo social, liberando o espaço para que os membros mais jovens da sociedade possam ocupar seu lugar, o que seria de ajuda na sua preparação para a aceitação da morte.

A questão posta se configura, portanto, um grande desafio aos profissionais atuais e profissionais do futuro que tenham interesse no estudo do envelhecimento. A população economicamente ativa será progressiva e proporcionalmente menor que a massa de aposentados, os dirigentes terão que prover o país de políticas voltadas para a previdência e saúde, levando em conta que o país é cheio de contrastes, com distribuição de renda heterogênea, enfim com situações de desigualdade social acentuadas, logo a elaboração de políticas públicas deverá considerar tais diferenças no atendimento a essas demandas , segundo Mascaro (2004).

Ainda que o velho possa mobilizar vários recursos de modo a manter seu desempenho equiparado aos mais jovens, mesmo assim é visto como alguém em declínio de suas forças e em decadência física. É necessário ter clareza de que as imagens que a mídia divulga a respeito de velhice, envelhecimento, beleza são importantes para a formação das representações da velhice nos próprios velhos, nos jovens e crianças, traduzindo o que significa envelhecer em nossa sociedade. Entretanto, não se pode dizer que a mídia só cria preconceitos negativos. Algumas vezes os meios de comunicação de massa nos ajudam a desconstruir preconceitos, porém a maior quantidade de imagens que transmitem traduz situações de doença, decadência, assexualidade. Por outro lado, é preciso cuidado para não criar o estereótipo do “velhinho bonzinho”, velhos são pessoas e como tal podem ser alegres e felizes, ou introspectivos e tristes, sem que isso traduza algum defeito ou desvio de conduta. O cuidado se justifica, pois imagens estereotipadas de que o velho adaptado é aquele que está sempre jovial e feliz, o que segundo Mascaro (2004) podem levar a um sentimento de inadequação naqueles que, porventura, não se identificarem com este modelo.

Como a pesquisa sistemática no Brasil é muito escassa o que se tem são opiniões e um grande embaralhamento entre os conceitos de velho, velhice e envelhecer. Por vezes, em alguns textos consultados, são utilizados até como sinônimos. Uma outra questão importante a se pensar: de que velho, velhice ou jovem estamos falando? Pois qualquer resposta a estes questionamentos terá que atentar para as condições sócio-culturais envolvidas entre os respondentes e objeto de pesquisa, segundo Néri (1991). A não-contextualização da questão poderá levar a uma

generalização das respostas obtidas, que poderão não refletir com clareza o panorama do momento e grupo humano investigado.

Quando nos perguntamos o que é a velhice, o velho ou o envelhecer a resposta mais honesta a se dar é “não sabemos”. Pois, qualquer resposta depende de como e quem pergunta e também de quem responde. Qual o contexto cultural, social, econômico, político e a idade que tem o respondente no momento do questionamento. Não existe uma única resposta, pois o próprio fenômeno do envelhecer tem várias facetas. A desigualdade social em que nosso país está mergulhado torna a experiência da velhice, que por si só já é individualizada, em algo mais compartimentado, sofrida e com maus prognósticos.

A Psicologia do Desenvolvimento em sua vertente mais clássica só estudou o desenvolvimento até a adolescência. Vivemos um momento histórico, em que uma primeira geração de velhos chega em grande número a idade tão avançada, sem que tenhamos compreendido o que é envelhecer, sem que tenhamos completo conhecimento das implicações sociais e políticas de cuidar de um grande contingente de velhos.

Por outro lado a Psicologia Social nos traz contribuições interessantes para compreender as relações entre os indivíduos e a sociedade. Saber como estão representados e se constroem seus valores, costumes, crenças, instituições poderá nos auxiliar a compreender como o homem se insere nesse processo de mudança e de permanente reconstrução de sua história e de transformação da sociedade em que vive. Segundo Siqueira (2002) há escassez de estudos criteriosos no Brasil quanto às questões do envelhecimento. Apesar da grande produção estrangeira, essas produções não têm seus dados criticados e são postas à disposição do estudante acadêmico sem validação para o contexto sócio-cultural-econômico brasileiro. Entretanto, é preciso que se diga que a partir de 1990 tem-se verificado um crescimento da produção científica sobre o envelhecimento no Brasil, porém poucas abraçam o tema através da visão da Psicologia. Ainda que se ressalte uma maior participação das instituições de ensino na questão do envelhecimento, raros são os cursos de graduação que enfocam as disciplinas a esse respeito seus currículos mínimos.

Dadas às desigualdades na distribuição de serviços, bens e renda no Brasil, são preocupantes os problemas psicológicos e sociais advindos do envelhecimento dessa população que vive em meio a essa severa desigualdade social. A falta de políticas governamentais de assistência e atenção ao velho e ao envelhecimento, deixa, portanto a sociedade brasileira despreparada para dar os cuidados necessários ao seu cidadão idoso. Bem como, são poucas as pesquisas sobre o que o jovem brasileiro pensa a respeito do seu pai, tio, parente ou da própria população que envelhece em diferentes contextos sócio-econômicos e qual a contribuição que pode dar na melhoria dessas condições.

E como entendemos que o envelhecimento no Brasil é uma realidade demográfica, cultural, social, política, é urgente refletirmos sobre a contribuição da Psicologia para que, juntamente com outras áreas do conhecimento, possamos assegurar que o processo do envelhecimento seja enfrentado e compreendido. E que, principalmente, seja entendido como um processo, como parte do ciclo natural da vida.

Diante do que expusemos até agora no texto, acreditamos ser necessário desenvolver estudos sobre o envelhecimento no Distrito Federal. É necessário que sejam promovidos estudos que permitam a reflexão da Gerontologia, diante dos preconceitos que ela mesma preconiza e avaliza, segundo o que comenta Mascaro (2004).

A Teoria das Representações Sociais nos auxiliará a compreender como se constroem os saberes do povo e disso se valerá nosso trabalho nessa investigação.

A geração que hoje envelhece terá como cuidadores pessoas que hoje são jovens e talvez não se preocupem com a velhice ou o envelhecimento. Portanto, entender como os jovens encaram a velhice e o próprio envelhecimento, dentro da perspectiva do momento histórico e político que vivemos e promover seu acesso a essas informações permitirá sua inserção na busca de soluções para os problemas relacionados ao envelhecimento progressivo do mundo, sob uma perspectiva de igualdade e fraternidade, pois o jovem, como adulto, será o responsável pela elaboração de políticas e ações voltadas para o enfrentamento destas questões.

O objetivo desse trabalho é investigar qual a tradução de ser velho pra o jovem de uma determinada população do Distrito Federal e, ainda, como o jovem encara a

velhice e seu próprio envelhecer. Diante do exposto, algumas questões nos parecem pertinentes investigar:

- a. Identificar como os jovens representam socialmente o “ser velho”;
- b. Identificar como os jovens representam seu próprio envelhecimento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Etapas do Desenvolvimento

O envelhecimento é uma realidade com a qual convivemos. Podemos não gostar do que ela nos traz, podemos até querer, e a medicina já nos promete isso, anular os sinais do envelhecimento, mas segundo Simone de Beauvoir, em seu livro *A velhice*, só se tem uma alternativa a envelhecer: morrer prematuramente.

O Terceiro Mundo, com todos os seus problemas de desenvolvimento, econômicos e educacionais, não tem se preparado para cuidar de seus velhos, e estes com a redução das taxa de mortalidade e de natalidade, com os avanços tecnológicos na cura de doenças que antes matavam, têm aumentado de número.

Buscar compreender como os jovens constroem o seu conceito de ser velho, quais suas atitudes para com os velhos, como estão se preparando para seu próprio envelhecimento e que propostas porventura possam ter para a questão do envelhecimento pode ser de grande contribuição para o enfrentamento deste problema que tem tanta relevância no mundo atual.

A clássica psicologia do desenvolvimento se ateve ao estudo do desenvolvimento atrelado ao estudo do crescimento e aquisição de habilidades do sujeito jovem, mais precisamente até a adolescência.

Em Rappaport (1981) são apresentadas três teorias de desenvolvimento: o cognitivismo piagetiano, que avalia e estuda como se dão os processos de aprendizagem dos seres humanos, indo do período pré-operacional aos períodos operacional, concreto e formal. A teoria psicanalítica de Freud, cujos estudos sobre o desenvolvimento se estenderam da infância mais tenra até a adolescência e pela perspectiva de Erikson, que amplia o desenvolvimento até a vida adulta, definindo-o por oitos conflitos sucessivos.

A principal preocupação de Piaget recaía sobre o “sujeito epistêmico”, que é destacado em Rappaport (1981) como a preocupação em estudar os processos do pensamento desde a infância inicial até a fase adulta. Para Piaget a criança e o homem estão num processo ativo de contínua interação, procurando entender o mundo

por diferentes mecanismos mentais dependendo da etapa da vida em que se encontra. Sua maior atenção se voltou para a compreensão científica de quais processos o indivíduo usa para conhecer a realidade, preocupando-se sobretudo com a gênese do conhecimento. Estudou os processos mentais para a aquisição do conhecimento da infância à adolescência, quando se encerra, para Piaget, o desenvolvimento de aquisições de ferramentas cognitivas. Ainda que as aquisições deste último período sirvam de base para aquisições posteriores, mas nenhuma ferramenta a mais seria adquirida.

Já Freud, em seus estudos, discorre sobre fases do desenvolvimento da personalidade, dando ênfase aos processos inconscientes indo da fase oral quando o indivíduo ainda é bebê, passando pelas fases anal e fálica e pela latência, sendo este o período em que o sujeito não sofreria nenhum processo de desenvolvimento a espera do período final de seu desenvolvimento: a fase genital, no início da adolescência.

Ainda em Rappaport (1881) temos uma breve explicação sobre os oito estágios do desenvolvimento propostos por Eric Erikson. Segundo Linhares (2003) Eric Erikson é um dos estudiosos que contribuiu para a compreensão do envelhecimento como parte do desenvolvimento percorrendo todo o ciclo da vida.

A teoria de Erikson aborda as crises psicossociais do processo de organização de identidade do ser humano, indo da primeira infância até a maturidade. Erikson relaciona cada uma das quatro fases, propostas por Freud, a uma das crises propostas em seus estudos acerca do desenvolvimento, incluindo o período de latência. A exceção da fase genital, que é subdividida em quatro fases, que vão da adolescência até a idade madura. O desenvolvimento como resultado da elaboração das crises psicossociais propostas por Erikson aproveita-se dos estudos das fases do desenvolvimento enunciadas por Freud, indo da fase oral, passando pela anal e fálica, abrangendo a latência e fase genital com que em Freud caracteriza o desenvolvimento até a adolescência. Erikson amplia-lhes o alcance até a vida adulta e maturidade. Descrevendo após o período da adolescência mais três crises que caracterizam a vida adulta.

As crises são descritas por opostos que ao se organizam como conflitos, que ao serem elaborados e resolvidos, permitem ao indivíduo seguir seu desenvolvimento com

o aprendizado da crise anterior, entrando numa nova fase do desenvolvimento e, portanto, em uma nova crise.

Ainda na adolescência, o jovem se depara com sua crise de passagem para a vida adulta. Esta crise tem sua resolução no início da vida adulta – é descrita como *identidade x confusão de papéis* e coincide com a *fase genital* proposta por Freud. Neste momento da vida são definidos os papéis sexuais, a estruturação definitiva do ego, a identidade profissional, bem como a definição ideológica que possibilitará ao adolescente que se desenvolve posicionar-se perante o mundo. Tais aquisições permitem ao jovem que amadurece estabelecer as afiliações características das etapas seguintes, pois definido o que será e o que fará poderá projetar-se como um realizador. Para Erikson a não resolução do conflito característico dessa fase imobilizará o jovem, prejudicando sua entrada nas fases posteriores.

Os três estágios seguintes marcam a idade adulta propriamente dita, sendo propostas como três conflitos subseqüentes: o primeiro dos três refere-se a intimidade, outro à capacidade generativa e o último refere-se ao enfrentamento da morte.

O primeiro estágio que compreende a vida de adulto é caracterizado pela capacidade de enfrentar um relacionamento íntimo, estável e produtivo: é designado *intimidade X isolamento*. O segundo refere-se à capacidade de procriar, criar produtivamente no trabalho e na cultura. Este conflito é marcado pela oposição entre a *capacidade generativa e a estagnação*, ou não capacidade de produzir. A não resolução desse conflito reconduz o indivíduo ao estágio anterior, levando-o de volta ao isolamento ou pseudo-intimidade onde os vínculos são permeados pela sensação de incapacidade de produzir e infecundidade procriativa.

A etapa final da idade madura é definida por Erikson como a etapa da sabedoria. Só será atingida pelas pessoas que aproveitaram as experiências de etapas anteriores para acumular conhecimento e sabedoria, que criou e produziu em sua vida. É o ponto culminante de uma vida de sucessos, fracassos, avanços e recuos elaborados passo a passo por todas as fases. Resolvido esse conflito o indivíduo terá um sentimento de plenitude e integridade, de contribuição para a humanidade, sendo definido por Erikson como *integridade do Ego*.

Rappaport (1981) conclui a respeito da boa elaboração dessa fase como sendo o sentimento de perpetuidade frente à morte inevitável, pois o sujeito terá contribuído para com o patrimônio cultural do grupo social a que pertence e poderá enfrentar a morte com o sentimento de “dever cumprido”. O oposto dessa perspectiva é o *desespero* – quando o velho se vê sem tempo para realizar o que gostaria de ter realizado e que não há sentido naquilo que foi feito, se algo foi feito. Sendo o temor da morte a concretização da desesperança. Para Skinner (1985), a morte é o sentimento que mais torna a velhice assustadora, pois a morte anula a possibilidade de se fazer o que não foi feito.

Jung (2000), diz que discorrer sobre as etapas da vida do homem é tarefa árdua, pois se terá que abarcar do nascimento até o túmulo. Completando que tal tarefa só pode ser levada a cabo em linhas gerais ou, ainda, tratando apenas de “certos problemas”, quais sejam: aqueles que são difíceis ou questionáveis ou, ainda, ambíguos. Porém, nos ensina que “o homem que envelhece deveria saber que sua vida não está em ascensão nem em expansão, mas em um processo interior inexorável que produz contração e vida. Entretanto, “para o jovem constitui quase um pecado ou, pelo menos, um perigo ocupar-se demasiado consigo próprio, mas para o homem que envelhece é um dever e uma necessidade dedicar atenção séria ao seu próprio si - mesmo ” (Jung, 2000 : 348), dizendo-nos que essas mudanças são mais acentuadas do ponto de vista psíquico do que do físico, levando-os a fazer coisas que culturalmente são contrárias aos papéis estabelecidos para homem e mulher, como por exemplo o homem da meia-idade pode abandonar os negócios e as mulheres constituírem um empreendimento.

Outra questão que Jung (2000) trata é que na entrada da vida madura o homem deveria tornar-se mais introspectivo e não permitir que a segunda metade da vida fosse governada pelos princípios da primeira. Sugerindo idades certas para as coisas certas, uma visão um tanto contrária a de Baltes (citado em Olds e Papalia, 2000), que ao tratar da plasticidade com uma possibilidade de aprendizagem de novas habilidades na idade madura, desconstrói o conceito de velhice dividida em fases, onde há definição de idades certas para certas coisas.

Outra contribuição interessante que Jung faz ao estudo do envelhecimento é a respeito de como conduzir a vida para uma velhice saudável, dizendo-nos que é necessário definir objetivos e metas em idade jovem para que a vida de velho seja aprazível, bem como acompanhar o seu tempo de envelhecimento, preparando-se para a morte, que é inevitável: “o velho que for incapaz de se separar da vida é tão fraco e tão doentio quanto o jovem que não é capaz de construí-la” (Jung, 2000: 351)

Segundo Olds e Papalia (2000) durante algum tempo os estudiosos do desenvolvimento entenderam que o desenvolvimento ocorria até a adolescência e daí em diante aconteceria um período destituído de acontecimentos até a velhice. Ainda em Olds e Papalia (idem) o desenvolvimento humano é tratado como algo que abrange toda a vida do indivíduo, quando enumeram as crenças e pressupostos que orientam o seu trabalho.

Olds e Papalia (ibidem) discorrem sobre mudanças fundamentais que ocorrem na vida do recém-nascido até a experiência de morrer como última tentativa de reconciliar-se com a vida. Chamam a atenção sobre a capacidade das pessoas sempre poderem se recuperar de danos sofridos e experiências dolorosas, ao que chamam de resiliência humana. Bem como da capacidade de se moldar seu próprio desenvolvimento, numa inter-relação sujeito-ambiente, onde o momento atual é afetado pelo que ocorreu antes e influenciará o que vai acontecer depois, entretanto cada período não é mais importante que seu predecessor ou sucessor.

Na busca da compreensão do desenvolvimento como atravessando toda a vida, encontramos Paul Baltes, apud Olds e Papalia (2000) como o líder na formulação dessas idéias. As características centrais de sua abordagem são que o desenvolvimento é multidirecional, ou seja, as direções do desenvolvimento dependem da fase da vida em que o sujeito se encontra; plasticidade, que é a capacidade de se manter em permanente aprendizado, através do treino e da prática, dependendo da história ou contexto em que o indivíduo se desenvolveu, desenvolve ou vive. Entretanto, esse desenvolvimento ocorre em níveis variados entre diferentes indivíduos e as escolhas feitas no início da vida adulta têm como consequência estes diferentes equilíbrios em idades mais avançadas. Assim como é também Baltes que descreve o desenvolvimento e processo de envelhecimento como um período que se caracteriza

por perdas, mas que estas são acompanhadas de ganhos que podem inclusive compensar as primeiras.

A respeito do desenvolvimento humano, Bandura (citado em Olds e Papalia, 2000), do ponto de vista sociocognitivo, propõe que o desenvolvimento se dá através da aprendizagem social. A proposta de Bandura, apesar de se originar do behaviorismo, sustenta que a aprendizagem se dá pela observação e imitação de modelos. A teoria de Bandura apesar de ser fruto do behaviorismo, diverge deste em muitos pontos. Primeiro, considerando o sujeito como aprendiz ativo no processo de aprendizagem, atuando sobre o ambiente e modificando-o também, ao contrário do behaviorismo que compreende o ambiente controlando e modelando os comportamentos dos indivíduos. Outro ponto de divergência é que os cognitivistas não aceitam que as conclusões tiradas de experimentações possam explicar todos os comportamentos humanos. Tanto o modelo de desenvolvimento de Bandura, como o de Baltes, podem nos ajudar a compreender a possibilidade de desenvolvimento percorrendo todo o ciclo da vida, tornando a velhice um momento onde há a possibilidade de novas experiências, desenvolvimento e aprendizagem.

Para Skinner (1985) a juventude é a melhor época para se começar a pensar na velhice, pois nessa fase da vida o indivíduo ainda poderá fazer modificações em seu comportamento, aprender coisas e preparar-se com a antecedência suficiente para que sua velhice possa ser vivida da melhor maneira possível. Entretanto, será que os jovens vêem a velhice como um tempo sombrio, como um quadro de sofrimento, doença e pobreza? Para Skinner a velhice não é tão má assim e, segundo ele, se pode vivê-la muito bem se se souber planejá-la e preparar-se para ela. Em seu livro *Viva bem a velhice*, ensina-nos a partir de sua experiência pessoal de envelhecimento, estratégias comportamentais que podem ajudar a enfrentar o envelhecimento, ainda que este traga limitações funcionais ou mesmo doenças.

2.2 Marcos da Velhice

Uma das questões enfrentadas quando se inicia o estudo de envelhecimento é definir quando começa a velhice. Com que idade se está velho e quais as

características principais deste momento da vida? A questão da definição dos limites cronológicos da velhice é uma preocupação antiga, já que se tem notícia de vários investigadores deste tema. Segundo Néri (2004) o tema foi objeto de estudo de Tuckman e Lorge, 1953; Blau, 1956; Zola, 1962; Shanas, 1962; Peters, 1975; Harris e col., 1975 e Kogan, 1979.

Do ponto de vista legal, o Estatuto do Idoso é instituído com a finalidade de “regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a (60) sessenta anos”. O Código Civil Brasileiro não trata a matéria diretamente, pois em seu artigo 1.641, trata de maneira indireta o envelhecimento quando prescreve que “é obrigatório o regime da separação de bens no casamento (...) da pessoa maior de sessenta anos”.

A legislação brasileira na Lei 10.173 de janeiro de 2001, define no seu artigo 1211-A que “os procedimentos judiciais em que figure como parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos terão prioridade na tramitação de todos os atos e diligências em qualquer instância.”

O Estatuto do Idoso do Distrito Federal, Lei 1.547, institui no seu artigo 3º que “considera-se idoso (...) a pessoa maior de sessenta anos”.

Os estudos de Jung (2000) apontam para estatísticas que informam que a velhice, de maneira até inconsciente, se insinua como indícios indiretos a partir dos 35 anos para a mulher e 40 anos para os homens. A partir deste momento começam a ocorrer mudanças de caráter e depressões mentais que culminam com mudanças mais radicais por volta dos 50 anos, como se a própria existência em seus princípios estivesse ameaçada. Sugerindo que aquele que não foi capaz de libertar-se da infância não se mostra preparado para renunciar à juventude, por temer a velhice.

Mascaro (2004) comenta que a determinação da idade em que começa a velhice é cultural, histórica e depende de diferentes situações sociais, pois há sociedades em que a velhice começa aos 70, porém em algumas outras a pessoa pode ser velha aos 40 anos. Citando exemplos de pessoas que aos 80 anos estão perfeitamente integradas à sociedade, satisfeitos e alegres. Bem como nos fala de pessoas que aos 50 ou 60 anos estão doentes, tristes e desajustadas. Assim como Simone de Beauvoir, em Mascaro (idem), fala-nos da não-percepção da chegada da velhice, quando diz que

o envelhecimento chega com maior clareza aos olhos dos outros do que aos olhos do próprio velho.

A definição da idade em que começa a velhice é controvertida, sendo resultado de construções contextuais, dependendo do meio cultural, social e histórico em que o indivíduo elabora suas convicções.

Guimarães (citado em Linhares, 2003) aponta que fatores hormonais, em torno dos 30 anos, dão início ao processo do envelhecimento, afirmando ser um engano pensar que o envelhecimento se inicia ao nascimento.

Há investigações associando a velhice a um “estado de espírito”, segundo Néri e Wagner, citados em Néri (1991), fazendo-nos inferir que a chegada da velhice traz modificações de outra natureza, diferentes das modificações físicas trazidas pelo envelhecimento. Néri (1991) nos dá pistas de que a categorização etária quando são feitas a partir da comparação entre jovens e velhos parece ser desvantajosa em relação ao velho, bem como os julgamentos negativos são mais severos neste contexto, do que se perguntado isoladamente aos jovens.

As investigações de Néri (1991) indicam do ponto de vista quantitativo 10,31% dos sujeitos de uma pesquisa que realizou, consideravam o alguém velho a partir dos 60 anos. Para 27,8% a velhice só começa a partir dos 70 anos. Porém para a maioria dos entrevistados (30,3%) a velhice é um “estado de espírito”, resposta com maior frequência encontrada entre os mais jovens, de idades entre 13 e 24 anos. A velhice como um estado de espírito também foi relacionada aos níveis de escolaridade mais altos. Néri (idem) nos informa que pesquisadores brasileiros revelaram ambigüidade quanto ao início da velhice, pois os respondentes às suas investigações condicionam o envelhecimento a fatores como saúde, gênero, aposentadoria e nível econômico.

Apesar da velhice não ser bem definida em termos de cronologia ou idade de vida, Mascaro (2004) nos fala de “marcos de idade”. Remontado à Idade Média quando alguns autores referiam-se às fases da vida, falando da infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade, como se uma fase da vida estivesse obrigatoriamente vinculada à característica que a seguia.

Já Olds e Papalia (2000) trazem as diferentes fases da vida estabelecidas por mudanças quantitativas, as que nos falam de mudanças de altura ou peso, por

exemplo, e as mudanças qualitativas, estas abordam as aquisições de conhecimento, a aprendizagem. Ainda para Olds e Papalia (idem) o desenvolvimento está sujeito a muitas influências, dentre estas relacionam as influências normativas como caracterizadoras de determinadas etapas da vida, ou seja um acontecimento é normativo quando acontece de maneira semelhante para um grande número de pessoas em determinado grupo. As influências normativas etárias são semelhantes para uma determinada faixa de idade e incluem eventos biológicos, como a puberdade e a menopausa e culturais, como o ingresso na educação formal e aposentadoria.

O envelhecimento pode ter várias dimensões: cronológica, social, biológica, psicológica. Segundo Mascaro (2004) o envelhecimento cronológico tem como referência a idade do indivíduo e é definido por sua data de nascimento. O envelhecimento biológico refere-se às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas, perda de capacidades e habilidades, referindo-se ao corpo como uma máquina que se desgasta e perde função. A idade biológica é determinada pela genética e pelo ambiente. Entretanto, este nem sempre coincide com o envelhecimento cronológico. Ainda que segundo Néri (2004) o envelhecimento do ponto de vista cronológico seja um indicador de velhice extremamente grosseiro, visto ter definido envelhecimento com algo multidimensional, é o principal critério usado para a determinação das categorias etárias.

O envelhecimento social, ainda segundo Mascaro (2004), relaciona-se às normas, crenças estereótipos e eventos sociais que são definidos diferentemente de acordo com a idade cronológica, em consonância com o que dizem Olds e Papalia (2000) a respeito de mudanças qualitativas e influências normativas do tipo etária. Tais normatizações definem o tempo certo para fazer determinadas coisas, como por exemplo, ir para a escola, casar, aposentar-se, usar um determinado tipo de roupa e não outro, entre diversas outras normas estabelecidas cultural e socialmente: é o que Néri (2004) denomina de “relógios sociais”. O que não quer dizer que não existam os diferentes, os que ousam ir contra as normas e resolvam “fazer coisas que não são para a sua idade”: são os pioneiros de mudanças. Tais pioneirismos refletem-se em custo, carregando consigo a possibilidade de inadaptação e desajustamentos, não

encontramos pesquisas confirmando esta assertiva, portanto sugerimos que este seja um tema para outras investigações.

A despeito das considerações acima, segundo Mascaro (2004), a sociedade considera idosa a pessoa que está se afastando do trabalho, mas a saúde física e mental são indicadores de que a pessoa está entrando na velhice.

Para Haddad (1986) são os padrões culturais que dimensionam as idades e fornece critérios para a sociedade legalizar as faixas etárias e, portanto, a velhice. Tendo estudado o envelhecimento de acordo com duas ordens de discurso: a da ciência e a do Estado. A primeira expressando a velhice por aspectos biológicos, psicológicos, sociais e econômicos. A segunda se expressa por decretos, leis e portarias e se preocupa com o idoso principalmente pela questão da previdência social.

2.3 Tipos de envelhecimento – aspectos culturais, biológicos e psicológicos

Além das considerações a respeito da idade em que a velhice começa é interessante tecermos algumas idéias sobre os diferentes tipos de envelhecimento. A literatura trata de três tipos de envelhecimento: normal, saudável e patológico. Olds e Papalia (2000) falam-nos sobre envelhecimento bem-sucedido ou ideal.

Olds e Papalia (idem) enfatizam a discordância entre os pesquisadores para definir envelhecimento bem-sucedido ou envelhecimento ideal. Pois diversos são os parâmetros utilizados por diferentes pesquisadores o que só reforça a controvérsia. Há investigadores que analisam medidas físicas para avaliar o bom desempenho no envelhecimento, entretanto com bem lembram Olds e Papalia, bons resultados em testes físicos, que meçam desempenho de coração, pulmão ou taxa sangüíneas não refletem necessariamente êxito no processo do envelhecimento. Bem como a avaliação subjetiva do sujeito, investigações a respeito de atingimento de metas pessoais ou seu nível de satisfação pessoal ou, ainda, a capacidade de aprendizagem em idade longa também não representam necessariamente êxito na vida. Olds e Papalia (ibidem) nos alertam que cada uma dessas facetas de análise estão carregadas de juízos de valor.

Na tentativa de analisar a questão do envelhecimento de modo isento Olds e Papalia apresentam as teorias do desencargo e da atividade, ancoradas em pesquisas sobre o envelhecer bem. Segundo a teoria do desencargo o envelhecer bem traz um gradual redução do nível de atividade, maior preocupação consigo mesmo e menor envolvimento social. Já a teoria da atividade prega que quanto mais ativa for a pessoa melhor será seu envelhecimento. A teoria do desencargo encontra eco na teoria do desengajamento proposta pela gerontologia, quando espaço de trabalho e de papéis sociais deve ser desocupado para dar espaço aos jovens. A teoria da atividade tem sido muito mais influente, pois a manutenção dos papéis sociais conquistados e a conquista de outros é fonte de satisfação por toda a vida. Esta teoria dá sustentação a muitos dos programas governamentais ou ainda de entidades não-governamentais de atenção ao idoso.

O envelhecimento normal em oposição ao envelhecimento patológico tem sua explicação na compreensão da diferença entre senescência e senilidade. O envelhecimento traz modificações de ordem fisiológica, psíquicas e sociais. Tais modificações começam a se mostrar a partir dos 40 anos, como já nos sugeriu Jung. Segundo Mascaro (2004) há um declínio do funcionamento dos órgãos sem, entretanto, comprometer as atividades rotineiras do indivíduo: a este processo natural do envelhecimento denomina-se senescência. Já ao surgimento de doenças, tanto de ordem física como psicológica, como resultado do declínio natural das funções fisiológicas ou psíquicas a literatura classifica de envelhecimento patológico. Porém mais do que o surgimento de doenças reais nos velhos, o preconceito construído socialmente, através dos meios de comunicação, escolas, valores familiares e sociais de que o envelhecimento é sinônimo de doença e incapacidades é o que mais afasta o sujeito que envelhece do bom envelhecimento, pois doenças em qualquer idade podem ser prevenidas e tratadas.

2.4 As representações sociais

Como a nossa investigação se fundamenta nos pressupostos epistemológicos da Psicologia Social e através da Teoria das Representações Sociais procuramos

compreender como se elaboram as crenças, saberes e costumes do grupo social que escolhemos como alvo de nossa pesquisa. Motivados por um experiência vivida com idosos de 60 a 79 anos, que relataram sua experiências, expectativas e desejos a respeito da fase em que viviam. Utilizaremos alguns dados obtidos a partir desta experiência na parte final da discussão dos resultados.

Segundo Lane (1981) a Psicologia Social estuda o comportamento humano naquilo em que ele sofre a influência social, pois para a pesquisadora é muito difícil encontrar comportamentos humanos que não envolvam componentes sociais. A Psicologia Social estuda, pois, a relação entre o indivíduo e o grupo social no qual está inserto, com todas as nuances culturais, ideológicas e históricas envolvidas nestas relações sociais. São de interesse da Psicologia Social como os grupos se auto-influenciam, como os indivíduos são levados a agir de acordo com o que os outros esperam dele e julgam adequado.

Para a Psicologia Social o homem tanto constrói a história como é constituído por ela, sendo suas concepções e conceitos resultados dessa interação. Outra preocupação da Psicologia Social é compreender como o homem pode ser o agente de transformação da sociedade em que vive.

Para Guareschi (1995) as relações sociais são de dois tipos: as relações de dominação e as relações comunitárias. Para que sejam compreendidas as relações comunitárias, antes é preciso que falemos sobre o que é uma comunidade. Comunidade é uma associação em que as relações são pudes de sentimentos e respeito mútuo, onde cada membro participa profundamente com que lhe é individual e singular, com o que é e não com o que tem. São relações que pressupõem igualdade, onde o indivíduo participa, dando sua contribuição na medida do que tem para contribuir. Já as relações de dominação pressupõem assimetria, desigualdade e injustiça, que também criam significados e sentidos para os indivíduos, onde as relações pressupõem poder de alguns sobre os demais. Entretanto, ambas são palco para a elaboração dos saberes populares, das crenças e dos costumes de um grupo social.

Aos saberes populares, crenças, senso-comum elaborados e partilhados coletivamente, organizados com a finalidade de compreender o real e torná-lo familiar

as Ciências Sociais chamam de representações sociais. Por terem uma perspectiva dialética e histórica e, portanto, transformadora dessas representações sociais, segundo Oliveira e Werba (2002), são dinâmicas e modificam o meio em que vivem e são modificados por elas.

Para Jodelet em Oliveira e Werba (idem) as representações sociais “são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Já para Semin (citado em Profice e Cruz, disponível na internet: www.uesc.br/viverbrincando), que se valem de uma definição de Moscovici, “as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, entrecruzam-se e cristalizam-se sem cessar por meio de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, dos objetos produzidos ou consumidos, das comunicações trocadas estão impregnadas delas. Como sabemos, elas correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, assim como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica” .

Segundo Minayo, em Guareschi (1995), representações sociais “é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou no conteúdo do pensamento”, explicando-as, justificando-as ou, mesmo, as questionando.

Fazendo um pequeno circuito histórico em Guareschi (idem), apontaremos as algumas das contribuições de Durkheim, Max Weber e Schutz.

Durkheim é o primeiro pesquisador a utilizar a expressão representações sociais, usando-a com o sentido de representações coletivas. Para Durkheim representações coletivas são as categorias de pensamento pelas quais as sociedades se expressam e se constroem. Estas construções não existem aprioristicamente, também não são universais na consciência, mas surgem a partir de eventos sociais, que em são si mesmos fatos sociais. Tais fatos sociais podem ser observados e interpretados. Entretanto, para Durkheim é a sociedade que, organismo vivo, pensa. Não sendo os indivíduos conscientes destas produções do seu grupo social. É como se as sociedades tivessem vida autônoma, independentemente dos sujeitos que a compõem , sendo

causa e conseqüência de seus próprios fatos sociais. As idéias de Durkheim são criticadas pela extrema objetividade e pelos pressupostos positivistas que englobam.

Para Max Weber as representações sociais são concebidas pela perspectiva da conduta cotidiana de seus indivíduos, sendo, porém, impregnada de significações culturais. Concebendo-as muito mais pelos juízos de valores dos sujeitos envolvidos. Entretanto, Weber não descarta a idéia de que interesses econômicos possam governar a formação das idéias, tanto ou mais que a cultura. Considerando, no entanto, a ação humana sempre significativa e merecedora de investigação.

Tanto Weber, quanto Durkheim reconhecem a importância da compreensão da idéias para a configuração da sociedade, embora entendessem que as conjunturas sócio-econômicas fossem bastante relevantes para a construção de seus saberes, costumes e práticas.

Já Schutz considera as representações sociais como o senso comum, sendo estes resultado das elaborações cotidianas de grupos sociais em determinados contextos sociais.

Para Durkheim a sociedade é viva, para Weber podem ser determinantes das representações sociais, para Schutz a compreensão de um grupo social perpassa pelo entendimento de sua cotidianeidade e dos indivíduos inseridos neste dia-a-dia.

Essa breve explanação sobre alguns teóricos das representações sociais nos remete a algumas conclusões:

- Representações sociais constroem o real, dando-lhes significado e tornando-o familiar;
- Representações são transformadas e transformadoras da sociedade, em um circuito que se retro-alimenta;
- Como são históricas, revelam o significado do período de que faz parte;
- Não são necessariamente conscientes ao indivíduo que a elabora, perpassam um grupo social, como se sempre tivessem estado lá e não como produto de uma determinada área.

Partindo do princípio de que as representações sociais não são conscientes ao sujeito, se constroem a partir de apropriações dos significados simbólicos das coisas,

nos esclarece Guareschi (1995) que é no domínio das operações simbólicas que se dão as construções humanas sobre o real, onde a realidade pode ser expandida, redefinida, desconstruída e transformada. Construindo o sujeito em sua relação com o mundo um universo de significados e construindo e desconstruindo este mundo de que faz parte como sujeito transformador e sujeito transformado.

Quando afirmamos que representações sociais são constitutivas da sociedade e constituídas por esta, incluímo-nos como parte dessa sociedade, sendo nós próprios sujeitos e objetos dessa investigação. Sendo, portanto necessário adentrarmos no tema da neutralidade como pressuposto de cientificidade e do paradoxo que isso se nos afigura, pois se nosso objeto de estudo é o sujeito, que sendo sujeito deixa de ser objeto? Para sairmos desse impasse nos afastaremos dos pressupostos positivistas de cientificidade e procuraremos compreender a produção científica sem o reducionismo da objetividade material, para instaurarmos uma prática reflexiva que levará em conta tanto a subjetividade do sujeito pesquisado, quanto do pesquisador.

2.5 Representações sociais da velhice

São diversos os trabalhos sobre as representações sociais a respeito da velhice. Néri (1991) apresenta-nos estudos sobre representações sociais do envelhecimento entre indivíduos não-idosos abrangendo temas como dimensões de significado ligadas a “velho”; dimensões de significado ligadas à perspectiva da própria velhice e atitudes em relação à velhice, em cuja revisão bibliográfica predominam atitudes negativas em relação à velhice em adolescentes e jovens. Ainda na revisão desse trabalho apresentado por Néri, outras pesquisas esclarecem que “adultos mais velhos” são vistos de modos mais negativos que “adultos mais jovens”. Entretanto, quando se tem perguntado aos idosos o que acham da velhice, os próprios velhos tendem a expressar atitudes favoráveis e negar que tenham problemas em sua velhice.

Segundo Néri (idem) as principais interpretações dos resultados obtidos em outras pesquisas sobre o envelhecimento pela perspectiva dos mais jovens são as seguintes:

- As atitudes negativas refletem sentimentos negativos em relação ao baixo status socioeconômico, a problemas de saúde e à solidão, frequentemente associados à velhice.
- A falta de oportunidade e de status que afetam o idoso e a incompetência comportamental que lhe é atribuída refletem a supervalorização da produtividade, da realização e da independência, pois os idosos na qualidade de aposentados perdem poder político e econômico. A situação se agrava quando o velho está doente e é pobre.
- A importância dada à estratificação por idades seria responsável pelos estereótipos e pela desinformação das pessoas mais jovens em relação ao idoso.
- O significado da desvalorização do idoso não está nas diferenças etárias, correspondentes a comportamentos e expectativas de comportamento, mas sim no fato de que jovens e velhos pertencem a diferentes gerações, o que traz diferenças quanto à educação, a experiência de vida e a valores entre eles.
- Os resultados das pesquisas indicando percepções negativas sobre o idoso teriam base na atitude negativa e preconceituosa dos próprios pesquisadores, em sua maioria não-idosos, trabalhando numa perspectiva clínica e remediativa, ou então das perspectivas de crise ou perdas associadas à velhice. Tal situação se refletiria na sua escolha do instrumento, de definir a amostra, propor os problemas e discutir seus dados de pesquisa.
- Outra explicação, esta muito difundida na literatura, vincula as atitudes negativas ao “*ageism*”, que significa discriminação com base na idade, especialmente em relação a pessoas de meia-idade e idosos.

Segundo Néri (1991) haveria três aspectos distintos e inter-relacionados no *ageism*:

- Atitudes preconceituosas contra o velho, a velhice e o envelhecimento, incluindo as atitudes dos próprios velhos.
- Práticas discriminatórias contra o velho, particularmente no emprego, mas também em outros papéis sociais.

- Práticas e políticas institucionais que, mesmo sem intenção, perpetuam crenças estereotipadas sobre o idoso, reduzindo suas oportunidades de ter uma vida satisfatória e prejudicando sua dignidade.

Ainda segundo Néri (idem), o *ageism* tende a crescer em sociedades hierarquicamente estruturadas, que valorizam e atribuem superioridade a indivíduos confiáveis, competitivos e orientados para o sucesso. Fundamenta-se na falsa idéia de que o declínio biológico da velhice causa obrigatoriamente deficiências comportamentais, sendo a expressão “mais jovem” emparelhada ao significado de adequação e, portanto, maior valorização social, em contrapartida “mais velho” significaria seu oposto. Os gerontólogos não só sucumbiram a estes estereótipos culturais quanto à incompetência comportamental do idoso, como contribuíram para fortalecê-lo ao institucionalizarem a velhice como *problema social*, prestando um desserviço à ciência, a sociedade e ao próprio indivíduo.

Neste trabalho de pesquisa de Néri, entre 4.300 sujeitos não idosos de 13 a 45 anos, de vários níveis de escolaridade, abrangendo as cinco regiões geográficas do país, a respeito de como percebem o envelhecimento, os resultados obtidos apontaram interessantes. Em linhas gerais, os resultados indicam que os não-idosos dão uma dimensão muito mais positiva a velho e velhice, contrariando crenças arraigadas no meio social e científico. Autora conclui exortando a comunidade profissional e científica a rever seus conceitos e a não fazer generalizações precipitadas e motivadas pelo preconceito.

Ao contrário do que se tem de informação na psicologia clássica do desenvolvimento, os sujeitos entrevistados demonstraram uma noção de continuidade no desenvolvimento, ao atribuírem aos velhos significados de adulto desejável, a se projetarem no futuro provavelmente como se vêem hoje e a associarem à velhice a possibilidade de felicidade. A presença de significados mais negativos quando se trata de autonomia x dependência, aceitação x rejeição e adaptação x desadaptação, denotando que o envelhecimento é demarcado por rituais de afastamento, que podem ser entendidos como indesejabilidade, passando-se a associar o significado de velho ao significado de rejeição, desvalorização e evitação.

A velhice é localizada temporalmente a partir dos 65 anos. Essa associação entre temporalidade e desenvolvimento é construída a partir das experiências pessoais do entrevistado, por símbolos, enfim diversos eventos do contexto sócio-cultural do sujeito. Ou seja, o significado de velho e velhice é construído socialmente. Por último, lidar com atitudes e significados ao se investigar velho e velhice é uma questão educacional. O que nos indica que o encaminhamento de solução para a questão do envelhecimento tem natureza educacional muito mais do que individual. Não que se vá ensinar como envelhecer as pessoas, mas como se poderão construir outras realidades individuais e sociais frente ao envelhecimento.

Outra contribuição no campo de estudos da representação social sobre envelhecimento nos é trazida por Veloz (1999) que realizou sua pesquisa entre 54 idosos de três categorias diferentes: professores aposentados de uma universidade, freqüentadores de uma universidade aberta da terceira idade e residentes em uma casa de longa permanência, todos moradores do Estado de Santa Catarina.

A investigação de Veloz partiu de três fenômenos característicos do envelhecimento: o idoso como protagonista do envelhecimento; a velhice como última fase da vida e o próprio envelhecimento como sendo um processo que perpassa todo o ciclo da vida. Seus resultados indicam três diferentes representações sociais, que foram classificados pela autora a primeira como sendo de caráter doméstico e feminino, relacionado a perda de laços familiares e da beleza, com conseqüências sobre a identidade física, indicando a relevância dos papéis a serem exercidos por mulheres e construídos ideologicamente. Este primeiro tipo de representação social traz a problemática da solidão e a idéia do abandono.

A segunda de cunho masculino, relacionado à questão da manutenção da atividade produtiva e perda da capacidade de trabalho e questões relacionadas ao afastamento do trabalho. Traz a questão da idade em que uma pessoa fica velha associada ao seu afastamento do trabalho ou redução de seu ritmo de trabalho. Principalmente se comparados às pessoas mais jovens. Esta representação social como não-trabalho reflete a crença da aposentadoria como começo do desengajamento social, sendo o trabalho visto como um patrimônio da juventude e a sua perda como perda de reconhecimento social.

O terceiro tipo de representação social do envelhecimento, partilhado entre homens e mulheres de forma eqüitativa, parte da visão utilitarista do corpo humano, comparado-o a uma máquina que se desgasta com o tempo e perde funcionalidade. Ainda que frequentemente associada a percepção da velhice como uma fase do ciclo da vida. Uma característica desta representação é a impessoalidade com que os participantes falam da velhice, referindo-se a mesma de forma geral e a partir de juízos de valor. Sendo uma visão idealizada do envelhecimento pelo próprio velho.

Essas contribuições auxiliarão a compreensão dos dados obtidos na conversa focal e servirão de parâmetro à análise de seus resultados.

3. METODOLOGIA

3.1 Aspectos teóricos

O pesquisador novato se debate entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. Pensando qual a melhor para que seus objetivos sejam atingidos e seus resultados sejam claros.

A princípio, antes das leituras, não nos passam pela cabeça todas as implicações epistemológicas envolvidas nesta escolha. Ao iniciarmos a revisão da literatura ainda fazemos confusões entre os princípios epistemológicos e a simples escolha do instrumento. Só conseguimos clareza para o instrumento quando nos fica claro o que queremos pesquisar dentro de que princípios e para que.

Ao definirmos que seguiremos a trilha da psicologia social percebemos que nosso objeto de pesquisa não é mais o comportamento, observável e mensurável. Antes o homem, um ser social, que interage com outros homens, tem motivações, emoções e principalmente subjetividade. Segundo Rey (2002) o objeto de estudo da psicologia social é interativo, se comunica, tem motivos e intenções próprias; não sendo meramente uma expressão da cultura, mas principalmente constitutiva desta. Damos-nos conta que não é o instrumento de pesquisa o nosso principal problema e sim os princípios epistemológicos da produção do conhecimento. Entendemos, então, que não nos servirá medir ou contar quantas pessoas pensam ou agem desta ou daquela forma, nos damos conta que é importante saber o que pensam como o fazem e em que contexto cultural e social estão envolvidos e, inclusive, apreender-lhes nuances de gestos e palavras não ditas. Temos que esquecer o que é dito como científico pelo senso comum e pelos próprios princípios de cientificidade da ciência atual: o positivismo. Compreendemos o quanto nos será mais valiosa a qualidade do que obteremos como dados de pesquisa. Mais do que meramente sua quantificação lhes apreenderemos o sentido, pois segundo Rey (2002) a informação expressa por um sujeito concreto pode ser significativa para a produção do conhecimento sem que isso tenha que, necessariamente repetir-se em outros sujeitos – é o que o próprio Rey

chama de *significação da singularidade como nível legítimo de produção do conhecimento*.

Decidimo-nos pela pesquisa qualitativa, pois o nosso foco de interesse é a construção do conceito de humano, dentro de uma concepção dialética do homem como ser histórico. Segundo Minayo (1998) as representações sociais são estruturadas em interação com outras pessoas, numa relação inseparável entre o mundo natural e o mundo social, em um processo histórico, considerando todos os conflitos e contradições que surjam, bem como todos os processos de harmonização e consenso. Ainda que a própria Minayo (1998) nos advirta que decidido o caminho epistemológico, o instrumento deverá ser escolhido por conveniência com vistas ao objetivo que se pretende alcançar. Entretanto, a mesma considera que qualquer pesquisa social que queira se aprofundar na realidade não pode se restringir ao referencial quantitativo, pois a pesquisa social que se prende a indicadores estatísticos como resultados, pode engendrar falseamentos da realidade, podendo ocultar ou desconsiderar fenômenos que poderiam permitir uma melhor compreensão da realidade.

Toda entrevista é resultado de interação social, mas na conversa focal a interação e troca de idéias e de significados se dá em vários níveis, envolvendo diversas realidades e percepções, indicando-nos a possibilidade de várias e diferentes realidades, com a emergência de polarizações de opiniões e consensos. Portanto, a escolha da conversa focal como instrumento se orienta pelo que nos diz Rey (2002) que a pergunta não termina em seus limites, mas se desenrola durante os diálogos que se sucedem ao longo do processo de discussão.

O local para a reunião, como preconizam Bauer e Gaskell (2002), deverá ser silencioso e confortável, os participantes deverão acomodar-se de maneira que todos possam ser vistos uns pelos outros.

3.2 Técnica

A partir da decisão de utilizar o referencial metodológico da pesquisa qualitativa, a pesquisadora definiu conversa focal como o instrumento a ser utilizado para a obtenção dos dados.

3.3 Amostra

Diante do instrumento já definido, o que nos surge como problema, agora, é a definição da amostra e sua representatividade. A literatura nos indica que a amostra será tanto mais representativa quanto mais critérios externos estiverem em consonância com seus indivíduos. Bauer e Gaskell (2002) falam de “seleção de entrevistados” em oposição à amostragem que pressupõe a aleatoriedade da escolha estatística. Já que a finalidade da pesquisa qualitativa não é quantificar opiniões ou pessoas e sim explorar seu espectro de opiniões e diferentes representações sobre o tema em questão, optaremos pela “seleção de entrevistados”. Esta seleção pode ser feita através da utilização de “grupos naturais”, que são pessoas que já compartilham algum tipo de interesse e vivência, ao contrário de amostras definidas por critérios estatísticos, segundo Bauer e Gaskell (2002).

Seis jovens de 20 a 27 anos, residentes no Plano Piloto – Distrito Federal, estudantes universitários de classe média, metade do sexo masculino e metade do sexo feminino, escolhidos entre estudantes de uma universidade privada do Distrito Federal, compuseram o grupo que realizou a conversa focal.

3.4 Procedimentos

A coleta de dados foi efetuada a partir de uma única reunião do grupo composto pelos jovens, se realizou em uma sala do Labocien do Uniceub, no dia 10 de novembro de 2005, da 17h10min às 21h00min. Foi conduzido pela pesquisadora, que desempenhou o papel de moderadora, acompanhada por uma auxiliar. Foi utilizado um tópico guia incluindo algumas as categorias que orientam os objetivos desta investigação: *o que é ser velho, início da velhice, desejabilidade, próprio envelhecimento, relacionamentos e perdas e ganhos.*

A moderadora apresentou a si e a sua auxiliar ao grupo, bem como o assunto e a idéia do que se pretendia abordar. Em seguida os participantes se apresentaram. O papel do moderador foi mais do que o de um facilitador da discussão, buscando aprofundar cada afirmação factual ou incompleta. Ou ainda passível de interpretação

dúbia. O debate foi registrado por escrito e por gravação em áudio, após a anuência expressa dos participantes.

Os dados coletados na conversa focal com os jovens foram analisados através da análise de conteúdo e para tal foram definidas as categorias abaixo:

- O que é ser velho – modo como o jovem encara o ser velho, que sentidos e significados que dá a esse período da vida;
- Início da velhice – como é identificado ou definido o início da velhice;
- Velho: palavra que incomoda (*) – quais os sentidos e significados dados à palavra “velho”;
- Desejabilidade, categoria já utilizada por Néri (1991) – quais as características que tornam o velho desejável ou querido;
- Próprio envelhecimento – como é projetado o próprio envelhecimento do jovem;
- Relacionamentos – como são percebidos os relacionamentos entre as pessoas idosas
- Perdas e ganhos – que balanço é feito a respeito desta fase da vida;
- Morte (*) – quais significados e sentidos são dados a morte, como evento que transcende a vida.

(*) essas duas categorias foram definidas após a análise do conteúdo do debate.

A todos os participantes foi solicitada a leitura e assinatura no documento de consentimento informado, previsto na Resolução 16/2000 do CFP.

O tópico guia continha algumas categorias já estabelecidas *a priori*, o que não impediu o surgimento de duas novas categorias no processo de discussão, as quais foram adicionadas à lista preestabelecida e integraram a pesquisa. Assim como, nada nos impediria de excluir categorias que se mostrassem fúteis ou irrelevantes ao grupo.

Na análise foram levadas em conta além do discurso dos sujeitos, suas expressões e impressões que nos foram dadas. Com a finalidade de compreensão do que foi expresso.

Quando da análise, sempre que se fez necessário o material bruto (transcrições e gravações) foi consultado, de modo que cada interpretação está ancorada nas

próprias falas dos participantes do grupo, ao que Guareschi (1995) chama de “leitura flutuante”. Bem como foram consideradas as variações ou versões contraditórias do discurso, que nos permitiram compreender como o grupo se orienta para ação. Os detalhes sutis, lapsos e silêncios foram respeitados e considerados para a análise, pois puderam dar pistas quanto ao investimento afetivo de quem falava. Esteve-se atento também às relações artificiais criadas pelo tópico guia, ou ainda pelas intervenções do moderador, de modo a perceber se estes temas aflorariam no processo do grupo ou se eram temas meramente incluídos no processo de discussão motivados pela intervenção da pesquisadora e que não surgiriam na discussão.

Ainda Guareschi (1995) nos alerta para a ocorrência de que os discursos complexos, mesmo quando se investiga um tema único. Na análise foi necessário atentar para a possibilidade de haver outras representações entrelaçadas, considerando os aspectos múltiplos que compõem uma representação social. Poderíamos encontrar a representação da velhice entrelaçada a representação de saúde ou doença, segundo o que comentam Silva (2000), de juventude e outras que viéssemos a identificar no processo.

Para Minayo (1998), mais que um procedimento técnico, a análise de conteúdo é parte de uma busca histórica, teórica e prática do campo das investigações sociais. Na história da análise de conteúdo clássica tem-se oscilado entre “o rigor da suposta objetividade dos números e a fecundidade da subjetividade” (Minayo, 1998). Foi necessário, portanto, cuidar para que a idéia da quantificação não suplantasse a interpretação do conteúdo em si, pois o discurso com que um sujeito contribui podia não se repetir na fala dos demais participantes e ainda assim ser de fundamental importância para a investigação.

Na análise do material coletado, como assinala Minayo (1998), estivemos cientes e atentos para três obstáculos, esperamos tê-los superado:

- O perigo da compreensão instantânea, como se o real se mostrasse claramente;
- Sucumbir aos métodos e técnicas, relegando a plano secundário as significações e nuances do discurso;
- A dificuldade de traduzir as teorias e conceitos abstratos a partir dos dados obtidos.

A análise se dividiu em três momentos: a “escuta flutuante” como sugere Guareschi (1995); a separação desses dados, como verbalizações em frases, sentenças ou trechos, em categorias, introduzindo-os nas categorias já estabelecidas. Não foi necessária a criação de novas categorias e o último momento foi o de interpretação, buscando capturar os significados e sentidos expressos pelo participante do grupo que, em última análise, compõem a representação social do ser velho ou do envelhecimento investigada.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Interpretação das verbalizações por Categorias

Para tornar melhor compreensível a análise, os resultados foram classificados em categorias e subcategorias, utilizando como modelo a categorização de Botelho (2005).

Foram identificadas verbalizações que puderam ser incluídas nas oito categorias já definidas, a saber:

- *O que é ser velho;*
- *Início da velhice;*
- *Velho: palavra que incomoda;*
- *Desejabilidade;*
- *Próprio envelhecimento;*
- *Relacionamentos;*
- *Perdas e ganhos*
- *Morte.*

A análise se apoiará na fundamentação teórica, quando buscamos levantar não exaustivamente os diversos aspectos do envelhecimento.

4.1.1 Categoria – *O que é ser velho*

Nesta categoria foram identificadas principalmente três subcategorias, os achados sugerem uma dicotomização entre positividade e negatividade para a velhice, já apontada pela literatura em diversos trabalhos anteriores, ainda que tenha havido verbalizações de aspectos positivos. Tais subcategorias são:

- a) Perdas
- b) Qualidades superiores
- c) Resistência à mudança

As perdas traduzidas como representações sociais negativas da velhice, identificadas em diversos trabalhos anteriores, sendo inclusive uma representação já esperada, considerando o nível cultural dos participantes do grupo, pois segundo Silva (2000) o nível mais alto de escolaridade contribui para uma visão mais negativa da velhice, sugerindo que maior tempo de frequência à escola pode reforçar os estereótipos sociais da velhice. Bem como Néri (1991) assinala que revisões de literatura em diversos trabalhos com jovens e adolescentes indicam forte predominância de atitudes negativas em relação ao idoso.

Baltes (citado em Fontaine, 1999) destaca que na velhice as perdas tendem a ultrapassar os ganhos, o que pode justificar a forte representação da velhice, neste grupo, tender para um balanço negativo entre perdas e ganhos.

Há forte tendência a associar a velhice a perdas, não comparecendo assertivas que contemplem a representação da velhice pela perspectiva dos ganhos. Em relação às perdas, os participantes expressaram o que pensam a respeito de ser velho da seguinte maneira:

E. “Ela não tem as mesmas características de um jovem, a força dela já vem... diminui...”

R. “O metabolismo delas realmente eu acho que abaixa um pouco”

A. “O pessoal não consegue memorizar absolutamente nada... não consegue decorar uma senha com seis números, lógico, tem gente que tem mais facilidade pra números outras não. Mas assim, são tantas dificuldades que parece assim pessoas que tem problemas de sei lá, problema de fixação ao alguma coisa assim mais séria..”

Uma afirmação que poderia remeter à idéia de ganhos, mas que nos fala do resultado do balanço como sendo aleatório:

A. *“O resultado, seja lá qual for, vai me ajudar a amadurecer mais com certeza, porque sempre a gente vai buscando experiências pra aumentar o seu conhecimento”*

A categoria classificada como “qualidades superiores”, que pode ser interpretada pelo um caráter equívoco de positividade, quando traduz um velho sem máculas ou defeitos, reflete um papel social reservado ao idoso como aquele que contribui ou permanecerá contribuindo para com a sociedade e de outro modo não é benquisto ou admirado. Simone de Beauvoir citada em Néri (1991) apresenta interessantes dados etnográficos sobre a aceitação do velho que, em sociedades primitivas, acumulava conhecimentos e experiência que lhes serviam como trunfo para sua aceitação, sendo eliminado quando sua contribuição ou liderança não era mais efetiva na sociedade, passando a significar uma sobrecarga para a comunidade. Para Erikson (citado em Fontaine, 1999) poucas são as pessoas que, após a resolução do conflito entre a integridade do ego e o desespero atingem a sabedoria, traduzido pelo que se chama de velhice bem sucedida.

Podemos então levantar a hipótese da existência de um velho concreto, detentor de qualidades encontráveis em quaisquer pessoas idosas, tais como *sabedoria, maturidade, experiência, que sabe dar conselhos e que pode ensinar coisas* – caráter positivo. Assim como existe a possibilidade de ser representado o velho pelo viés da idealização. Essa representação é percebida em expressões como *são puras, não tem aquela malícia* – caráter negativo, tal representação pode ser atribuída a vieses culturais, que responderiam por essa visão romântica do velho. Segundo Néri (1991) apesar de não haver estudos organizados a respeito da imagem idealizada do idoso brasileiro, há pistas de que há influências da cultura indígena e nordestina que, entretanto, carecem de maiores investigações.

Frases que marcaram essa representação do velho concreto, que pode ser encontrado entre pessoas de nosso convívio:

A. *“E tem pessoas assim de mais idade, mais maduras, que são assim tão sábias, é tão bom ficar ouvindo”*

S. *“Ser velho pra mim é a pessoa que tem mais experiência de vida que sabe dar conselho, ensinar mais, porque já passou por coisas muito iguais”*

Representações de pessoas idosas pelo viés da idealização:

E. *“Eu amo as pessoas idosas, eu tenho uma paixão assim, porque eles são, como é que eu posso dizer, eles são puros, eles não tem aquela... assim, lógico que não são todos, mas assim, as que eu convivo são puras, são... não tem aquela malícia, querem viver, querem viver”*

R. *“Isso tem na velhice, essa pureza”*

O construto de um “velho ideal” poderia ser fruto de uma espécie de sacralização da velhice, fazendo crer que o simples envelhecimento é suficiente para o acúmulo de saber, conhecimento, discernimento e sucesso. Quando sabemos que a realidade é que poucos velhos alcançam o estágio do “sábio”. Poucos são os velhos que resolvem de maneira positiva o último conflito entre o desespero e integridade do ego proposto por Erikson. Velhos podem ser sábios ou ignorantes, alegres ou introvertidos sem que isso necessariamente deva ser objeto de juízo de valor, tornando-o um idoso bom ou mau, desejável ou indesejável. É necessário que o velho possa ser velho sem ter que atender às expectativas de ser sábio ou ter que continuar produzindo, ou ainda ter que parecer jovem para ser aceito.

Com relação à subcategoria *resistência à mudança* não encontrei referência na literatura consultada que auxiliasse a interpretação desta representação. A colaboração que fazemos é analisar a desistência citada por diversos participantes do grupo como componente da subcategoria ora tratada.

A própria dificuldade de aprendizagem atribuída aos velhos, também resultante de uma representação social negativa da velhice, pode ser uma justificativa para essa subcategoria que aparece no discurso do grupo. Segundo Bandura (citado em

Carneiro, 2004) as pessoas de um modo geral temem tarefas acima de sua capacidade de realizá-las, ou seja, resistem a se submeter a atividades que não conhecem ou supõem ser superior à sua capacidade. No velho essa resistência à mudança pode ser tradução da expectativa da sociedade de que o idoso não terá capacidade para se haver com novas atividades e, portanto, não lhe permite aventurar-se a mudanças ainda que quisesse, esta última assertiva é uma hipótese que necessita de investigação sistemática.

4.2.2 Categoria – *Início da velhice*

Nesta categoria foram identificadas cinco subcategorias. A primeira se caracteriza pela marcante definição do início da velhice pelo enfoque cronológico, ainda que Néri (1991) destaque que a idade cronológica seja um indicador muito grosseiro do início da velhice. A *padronização de comportamentos*, o *estado de espírito* e a *aposentadoria* também guardam relação com a idade. A subcategoria *aparência* reflete a busca pela indefinida manutenção da juventude:

- a) Idade – tempo de ser velho
- b) Padronização de comportamentos
- c) Estado de espírito
- d) Aposentadoria
- e) Aparência física

A primeira marcadamente cronológica, ligada a uma outra que define o envelhecimento pela aquisição ou perda do direito a determinadas comportamentos dependendo da faixa etária. A aposentadoria surgiu como um demarcador entre a juventude e a velhice, claramente através de seus papéis sociais. A aparência física surge como um demarcador entre características da juventude e a perda destas características. E uma última subcategoria refere-se à velhice, não mais do ponto de vista cronológico, mas pela perspectiva da individualidade: é a velhice como um “estado de espírito”.

As duas primeiras subcategorias, *idade e padronização de comportamentos*, identificadas guardam forte relação com o fator cronológico: a idade como um definidor do início da velhice e os comportamentos esperados e padronizados para determinada idade. Ainda que tenham surgido falas que não fizeram menção à idade, muito pelo contrário, deixaram clara a “não existência de idade para nada” o peso da definição do início da velhice recaiu sobre o fator cronológico.

Quanto à idade, surgiu a indicação do começo da velhice a partir dos 40 anos. Havendo citação de 50, 60, 70, 90, 100, 120 e 200 anos. Buscando compreender porque houve forte tendência do grupo considerar o início da velhice a partir dos 60 anos, recorreremos a Mascaro (2004) que destaca é a partir desta idade que as mudanças físicas tornam-se mais evidentes, ocorre o desengajamento social e a saída dos filhos de casa é um fato quase sempre consumado, acentuando a perda de papéis da vida adulta. Em Néri (1991) há achados do início da velhice a partir dos 30 anos, porém estatisticamente os números ficam assim: 31,70% localizaram o início da velhice aos 60 anos, 27,80% acima dos 70 anos e 30,30% localizaram o começo da velhice como um estado de espírito, que surgiu em nossa investigação.

As falas abaixo nos ajudarão a compreender o significado dado à questão da idade como início da velhice:

An. *“Você pode chegar a 60 anos e não estar maduro”*

S. *“Acho que quando eu estiver depois dos 50, dos 60, não sei”*

A. *“A gente tem que parar com esse negócio que as pessoas depois que completa 50 fica velho”*

A. *“Eu acho que não existe idade pra nada”*

Quanto à segunda subcategoria a padronização de comportamentos, faremos uso da contribuição de Baltes (citado em Olds e Papalia, 2000) para justificar esta

representação social, explicando-a pela existência de influências normativas etárias que determinam o que se deverá fazer, usar ou dizer em determinada época da vida. A definição destes comportamentos é contextual, dependendo do momento histórico e cultural em que o indivíduo está inserido.

Podemos compreender melhor o sentido que os componentes do grupo dão aos comportamentos de cada idade observando as sentenças emitidas pelos participantes do grupo de discussão:

L. “Então ela tem 50 anos, ela não está madura nessa área sentimental ela não está madura”

E. “Já que eu não vou arrumar trabalho, porque tá difícil trabalho para as pessoas mais jovens, imagina pra mim que sou velho!”

A força dessa representação social da velhice pela cronologia – ou pela idade ou pelo tempo para determinados comportamentos – deve-se, segundo Néri (2004) aos modelos de atuação definidos por várias instituições da sociedade como a família, a escola, a religião. O forte sentido de pertencimento dado a expressões como “no meu tempo” ou “estar em dia com sua geração” confirma a importância da representação social do início da velhice pelo aspecto da temporalidade.

É interessante notar que a representação social da velhice pelo seu viés negativo não se repete na projeção do próprio envelhecimento, como veremos quando tratarmos desta categoria. Esta aparente contradição pode ser atribuída ao nível sócio-cultural dos participantes do grupo, todos jovens universitários de classe média, com possibilidade de sucesso em seus projetos pessoais.

A subcategoria *estado de espírito* já encontrada nos estudos de Néri (1991) em 30, 30% de uma amostra de sujeitos de 4300 sujeitos na faixa etária de 13 a 45 anos, não categorizando a velhice pelo critério da idade, em nosso estudo as falas que tratam da velhice como um estado de espírito como uma tentativa de eufemizar o processo de envelhecer, afastando para um momento qualquer no futuro ou ainda anulando a

ocorrência do envelhecimento, já que o espírito pode ser mantido indefinidamente jovem. Essa hipótese se apóia na possibilidade da velhice ser aversiva, já que socialmente indica dependência, afastamento e improdutividade, segundo Néri (idem).

As falas a seguir auxiliarão o entendimento da hipótese proposta para explicar a representação *estado de espírito*:

R. *“Ela pode estar com 80 anos e assim, sabe... o espírito super conservado, esta acompanhando a nova juventude, assim, então, não tem relação com idade.”*

E. *“Eu acho que a aparência está velha, está desgastada, mas não quer dizer que ele é velho só porque aparenta ser velho”*

A importância conferida ao trabalho na sociedade moderna parece justificar a associação entre aposentadoria e velhice. O indivíduo aposentado é considerado improdutivo, sendo destituído de um papel social importante: o de produtor de bens ou serviços. Segundo Silva (2000) a velhice vem acompanhada de uma série de adversidades, mas a pior delas é o despojamento social. Ficar sem trabalho parece ser renunciar a um projeto de vida, à vida em última instância. Em Veloz (1999) a perda da capacidade laborativa aparece associada às expressões *passar, passagem*, sugerindo que a velhice não só é um período posterior ao trabalho como sinônimo de inatividade.

Os ritos de passagem da infância para adolescência – primeira menstruação na menina, por exemplo – e desta para a vida adulta – podemos citar o casamento - são carregados de significados positivos e de ganhos, já um dos ritos de passagem da vida adulta para a velhice – a aposentadoria – é marcado pelas perdas de status social, da capacidade de gerar riqueza, às vezes redução do salário, entre outros. O indivíduo passa da categoria dos ativos para a dos inativos, Fontaine (2000), fazendo com que a representação social de aposentadoria apareça misturada à representação social do envelhecimento, podendo causar estresse e dificuldade para a assunção de outros papéis. Segundo Silva (2000) é preciso elaborar os papéis que se desempenha pela

vida com bastante flexibilidade de modo a torna-los compatíveis com cada etapa da vida sem sofrimento.

Vejamos as falas abaixo:

A. *“Aí depois os filhos saem de casa, se aposenta, acabou a vida da pessoa, né? Aí envelheceu, vai morrer”*

A. *“Então parece que existe um valor muito grande em cima da aposentadoria, só que quando a pessoa se aposenta parece que ela só vai esperar a morte a partir daquele momento”*

A subcategoria chamada de *aparência* remete à idéia de manutenção de uma indefinida e impossível juventude. Entretanto aqui não se fala de vigor e agilidade, aqui nos referimos a estética, à beleza, ainda que esta seja tomada como sinônimo de beleza da juventude. Mascaro (2004) contribui para o entendimento dessa representação comentado que hoje a beleza é cultuada como um símbolo de status, porém como um atributo exclusivo da juventude. Que se nega a velhice tentando se modificar a aparência de modo a mantê-la jovem a custo de artifícios e estratégias da indústria cosmética e de embelezamento. Conclui dizendo não haver maior elogio a se fazer a alguém do que lhe dizer parecer mais jovem do que a idade que tem.

As frases abaixo ilustram a tese da perda da aparência jovem como um prenúncio da velhice:

E. *“Se a pessoa se cuida, se ela quer mudar, quer aparentar ser mais nova eu acho que ela pode”*

L. *“Porque a pessoa tem uma aparência, ela já de idade e tal”*

A. *“Mas pra baixo ali do centro, tem essas meninas que fazer programa, mas tem senhoras também. Cara, eu fiquei admirado!”*

Veloz (1999) atribui essa preocupação com a beleza física a uma sensação de perda da identidade: destaca que a pessoa velha não mais se reconhece, ressaltando também ser essa representação de cunho feminino, sugerindo que a preocupação com a beleza possa ser uma questão de gênero. Procurando entender essa sugestão, pudemos levantar algumas hipóteses: a perda do papel social da mulher como apta a procriar está intimamente ligada a sua capacidade de atrair o macho ou ainda à influência da mídia ao preconizar uma aparência que privilegia a beleza da juventude e por último a decadência trazida pela perda do viço, do próprio vigor que prenunciam a finitude do indivíduo, a morte. Portanto, afastando o envelhecimento aparente afastaríamos a morte.

4.2.3 Categoria – *Velho: palavra que incomoda*

Esta categoria, de cunho marcadamente negativista, não foi prevista quando da elaboração do tópico guia que orientou o debate, surgiu no início da discussão do grupo ao apresentarmos o tema.

A pesquisadora intuitivamente usou a palavra velho em vez da palavra idoso, pois sente que essa palavra comumente substitui o vocábulo velho como uma forma de diminuir o constrangimento e suavizar a velhice: para a pesquisadora é mais um eufemismo que traduz a representação social negativa da velhice. Durante muito tempo a velhice foi discutida pela perspectiva do declínio e das doenças; sua representação social mais marcante é pelo aspecto negativo; a Gerontologia ainda hoje trata a velhice como um problema social a ser equacionado; os meios de comunicação, quando apresentam velhos comumente os traz em programas humorísticos ou caricaturando suas limitações, estas representações podem ser citados entre outros fatores para que a palavra velho seja repudiada e associada imediatamente a algo a ser posto em desuso, algo desgastado e até feio.

Segundo Mascaro (2004) usar a expressão “velho” para nomear alguém é percebido como sinal de demérito ou desrespeito, pois o que envelhece é considerado gasto, usado, sem valor, obsoleto. Essa assertiva de Mascaro encontra eco no discurso de alguns participantes do grupo focal, vejamos o exemplo abaixo:

A. *“Eu, particularmente, não gosto nenhum um pouco desse termo: velho. Eu acho uma coisa totalmente depreciativa, porque quando você pensa em coisa velha, é coisa imprestável, que não presta mais, que é feio, enferrujado e inútil mesmo, não tem valor, não se encaixa, ninguém quer. Eu não quero uma coisa velha.”*

A. *“Pelo que eu conheço da palavra velho, eu não quero nada velho, né?”*

Idoso, ancião, vivido, bem-vivido, experiente, coroa, coroa enxuto, vovô, maduro: muitas são as palavras usadas pela sociedade com a finalidade de diminuir a força da negatividade que a palavra velho encerra. Néri (2004) diz que estes subterfúgios lingüísticos utilizados em uma comunidade verbal refletem a interatividade que permeia os vários níveis de discurso, traduzindo as construções verbais de fundo psicológico determinadas pelos contextos sociais e políticos de um determinado grupo social.

L. *“Você pode chegar a 60 anos e não estar maduro”*

A. *“Agora só o pessoal mais maduro, moleque aqui não entra, só a galera de 40 pra cima”*

A. *“A pessoa que tem mais idade vai ser chamada de velha mesmo, né? “*

4.2.4 Categoria – *Desejabilidade*

A desejabilidade traduz o quanto o velho é querido, desejado ou, ainda, quais requisitos deve ter para ser aceito no seu grupo de convivência, família ou outros grupos quaisquer. Esta categoria também apresenta aspectos negativos e positivos. A conversa focal que foi levada a cabo para obtenção dos dados ora analisados, nos apresentou como resultados a desejabilidade por duas características: os velhos terem sabedoria e conselhos dar ou parecerem jovens, de outro modo seriam rejeitados ou não desejados.

As duas subcategorias definidas traduzem essas duas características:

- a) Qualidades superiores
- b) Parecer jovem

A desejabilidade do velho, quando tratamos da subcategoria *qualidades superiores*, está ligada à idéia de capacidade para gerar, criar, progressista, ser moderno, atualizado, contribuir com o processo de aprendizagem dos mais jovens, o que daria aval a sua suposta sabedoria e experiência. Seu oposto deverá ser evitado, é o velho crítico, exigente, chato, amargo; segundo Néri (1991) com essas características negativas são identificadas as pessoas que “são velhas antes do tempo” ou que “parecem velhos”.

Velhos são desejáveis quando sabem coisas; servem para dar conselhos; contar, como memórias vivas, experiências passadas para que não sejam cometidos os seus erros ou para ajudar na solução de problemas atuais, ou seja quando apresentam qualidades que poderão auxiliar os mais jovens na solução de seus problemas e na evitação de erros. A interpretação que fazemos é que ou o velho continua servindo de alguma forma ou será indesejado. O velho que, por motivos diversos, não conseguiu acumular conhecimentos ou desenvolver habilidades, não seria desejável e, portanto, seria rejeitado. Mais do que uma interpretação é uma constatação da realidade de miséria e desigualdade social em que vivem os habitantes de países pobres.

Vejamos as verbalizações positivas que , entretanto, podem esconder uma representação social de velhice que discrimina aqueles que não podem contribuir com seu acúmulo de saber:

A. *“E tem pessoas assim de mais idade, mais maduras, que são assim tão sábias, é tão bom ficar ouvindo”*

E. *“Eu acho que a cabeça dele devia ser aberta, porque se fosse fechada eu não conseguiria viver, conviver com ele. Se a cabeça dele fosse aquela de 50 anos atrás e a minha de hoje, eu acho que não ia bater, eu acho que assim mesmo ele não sendo tão moderno, ele pelo menos querendo, aprendendo, conversando a gente ia se entendendo. Mas eu acho que ele devia ser mais moderno assim”*

E. *“Bom eu acho que conviveria fácil com um velho assim. Não sei se pelo fato de eu gostar de conviver, de conversar, de ouvir as histórias...”*

A. *“Eu particularmente gosto de ouvir as experiências das pessoas que são mais maduras, que tem uma vivência melhor, que podem ensinar você a errar menos, né?”*

Sendo atualizado e moderno, o que se espera é que não atrapalhe o desempenho dos mais jovens, é o velho que não incomoda, no dizer de Silva (2000) é o chamado “bom velhinho”. O velho não precisa produzir para ser querido, basta parecer jovem, mesmo porque dele já não se espera que desempenhe o papel de gerador de conhecimento ou trabalho, haja vista a teoria do desengajamento, proposta por E. Cuming e W.E. Henry, em 1961, citados em Mascaro (2004).

A desejabilidade, portanto, está associada à idéia de contribuição e a manutenção de características de juventude, ainda que não seja esperado um papel efetivo de criador. A indesejabilidade está marcada pelas características negativas associadas comumente à velhice.

Vejam alguns exemplos de verbalizações:

L. “Ela parece mais uma pessoa jovem do que um...”

S. “Minha avó é aquela japonesa séria, não ri, não faz nada, fechada na dela e ela só gosta mesmo, ela só gosta mesmo de pagar sapo. Ela é aquela, literalmente, a velha enjoada”

L. “E eu daria pra conviver com ela, porque apesar de tudo, ela ainda encontra graça, ela brinca...”

4.2.5 Categoria – *Próprio envelhecimento*

O próprio envelhecimento é projetado positivamente, é predominante a perspectiva de uma velhice boa e feliz. Foram identificadas quatro subcategorias, quando foi aventado o tema de como seria o próprio envelhecimento:

- a) Projeção positiva
- b) Velhice bem-sucedida
- c) Amparo da família
- d) Não-percepção

Nas duas primeiras subcategorias – *projeção positiva e a velhice bem-sucedida* – os jovens atribuem a si mesmos a responsabilidade pelo sucesso de sua própria velhice seja boa ou má. Faremos algumas considerações no intuito de compreender essas representações sociais encontradas. Fontaine (1999) destaca dois aspectos a serem observados para justificar essa construção: o nível de escolaridade e a eficácia pessoal

e autoconfiança. Afirma-nos, pois, que o melhor fator de predição de uma velhice ótima é o nível de escolaridade. Se extrapolarmos essa assertiva para os achados de nossa pesquisa podemos supor que o caráter positivo que os jovens que compuseram o grupo focal dão à própria velhice projetada deve-se ao seu nível de escolaridade. Quanto à eficácia pessoal, ou seja, sua própria responsabilidade sobre seu bom envelhecimento, Bandura (citado em Fontaine, 1999) traz a contribuição que nos auxiliará a interpretar o dado: Bandura fala-nos de crenças que as pessoas têm em suas próprias capacidades para resolver situações cotidianas e que o jovem projeta essa capacidade para a sua velhice. Ainda que Néri citada em Carneiro (2004) destaque que a boa velhice não é um atributo nem uma responsabilidade individual, mas sim um produto da interação entre as pessoas em permanente mudança e um mundo também em permanente mudança, os jovens trazem muito presente a representação de que um bom envelhecimento é consequência de suas próprias atitudes e comportamentos. Entretanto, tanto Skinner (1985) quanto Mascaro (2004) atribuem aos comportamentos na juventude, pelo menos, uma parte da responsabilidade pelo seu próprio envelhecimento.

Segundo Néri (1991) há indicadores de que há independência entre a representação social da velhice e a projeção da própria velhice. Os achados de nossa pesquisa, entretanto, nos dão pistas de que a representação social negativa que os jovens têm da velhice os impele a projetar algo positivo para suas próprias velhices, como um modo de esquivar-se de situações que lhes possam parecer aversivas. O que nos leva a crer que neste grupo investigado surgiu a dependência entre os dados culturais e sociais utilizados para a construção da representação social da velhice negativa no seu presente e a projeção de suas velhices positivas no futuro.

Relatos que expressam a expectativa de um bom envelhecer:

A. *“Quando você se cuida fisicamente, faz alongamentos, esse tipo de coisa, você continua com o nível legal, não cai muito drasticamente o seu reflexo, a sua velocidade, a sua agilidade, né? Agora uma coisa que eu acho que acontece muito pras pessoas que envelhecem, e daqui a pouco eu*

vou envelhecer, é a falta de cuidar da cabeça, principalmente em relação à informação, a leitura”.

L. *“Eu acho que a minha velhice vai ser maravilhosa “*

L. *“Minha vida é bem assim tranqüila eu não tenho esses altos e baixos e então eu acho que vai ser só uma conseqüência do que eu fizer agora. Vai ser super tranqüilo”*

R. *“Eu espero assim, colher o que estiver plantando hoje. Então se eu tiver trabalhando muito hoje, estudando assim, pra amanhã eu seguir gastando o dia só com férias, com meus netos e tudo o mais”*

Outra representação interessante é a expectativa da rede de apoio para que se tenha uma boa velhice. Essa representação já foi encontrada na pesquisa de Veloz (1999), realizadas entre pessoas idosas, quando a idéia de abandono é encontrada entre os relatos ou surge a noção de família como organizadora de uma rede de apoio que permitiria a ocorrência de uma boa velhice, transformando a família em uma referência para pensar a resolução dos problemas advindos da velhice, até como uma forma de compensação do investimento feito nos filhos. Bem como a existência de um companheiro ou companheira na velhice é uma expectativa importante.

Exemplos de como os jovens esperam que suas famílias lhes sirvam de apoio na velhice:

L. *“Depende muito da família”*

L. *“Eu acho que vou achar um grande amor, essas coisas de adolescente e tal. E, numa visão geral, eu acho que depende muito da família”*

R. *“Se eu me preocupar com meus filhos amanhã eles vão me dar esse amparo que um dia eu dei pra eles”*

Para justificar subcategoria proposta *não-percepção* recorreremos aos ensinamentos de Simone de Beauvoir citada em Mascaro (2004): a velhice surge com maior clareza aos olhos dos outros do que aos nossos próprios. Mascaro (idem) nos apresenta alguns exemplos da não-percepção da velhice. Pinçamos dois que julgamos especialmente representativos do que ora afirmamos a respeito da não-percepção do envelhecimento. O primeiro, no livro *A imortalidade*, Milan Kundera conta-nos da experiência de ter visto uma mulher de 60 e poucos anos que, coquetemente, despediu-se do seu professor de natação. O corpo e o rosto já eram velhos, mas sua expressão e graça eram os de uma mulher de 20 anos. Esta narrativa, parafraseada de Milan Kundera, faz-nos refletir sobre a consciência que temos sobre a nossa própria idade. O segundo, é-nos relatado por Pedro Nava, em *Galo das trevas, Memórias 5*: o autor de repente vê-se a si próprio como velho, ao deparar-se pela primeira vez com seu pé envelhecido, diz encarar dolorosamente que a velhice tomou conta de seu corpo, sem que ele tivesse se dado conta. Tanto Milan Kundera quanto Pedro Nava são citados em Mascaro (2004).

A representação da chegada da velhice como algo não percebido é resultado de um sentimento da autora deste trabalho, corroborados pelos trechos resumidos dos livros acima e expresso pelos participantes do grupo focal pelas verbalizações a seguir:

A. *“Eu acho que não temos consciência sobre a velhice...”*

A. *“Com a discussão a gente começa a perceber o nível de consciência da gente sobre velhice”*

4.2.6 Categoria – *Relacionamentos*

A representação social da velhice pelo enfoque dos relacionamentos surgiu no grupo sem a provocação da pesquisadora, ainda que já fizesse parte de seu tópico

guia. Tentou-se levar adiante a discussão através deste tema, mas o grupo não se expressou além de revelar estranheza e ressaltar que aquele não era um comportamento esperado para aquela faixa etária. Conseguimos perceber as duas subcategorias abaixo:

- a) Comportar-se como jovem
- b) Não-aceitação

A subcategoria *comportar-se como jovem* pode ser analisada à luz das influências normativas etárias propostas por Baltes (citado em Olds e Papalia, 2000), que restringem alguns comportamentos a determinadas idades, por exemplo, as pessoas se apaixonam na adolescência, casam e tem filhos no início da vida adulta, estes saem de casa no início da velhice. Essas idades são definidas social e culturalmente, influenciadas pelo contexto em que se desenvolvem. A ocorrência da não-aceitação pode decorrer do apaixonamento estar acontecendo fora de uma faixa etária definida socialmente, o que causa estranheza e aversão.

Tal hipótese provém das falas dos participantes quando o tema se referiu a relacionamento:

L. “Ela tem 50 anos, mas ela tá vivendo um romance como se fosse uma adolescente de 13, 14 anos”

L. “Velhinhos juntos lá beijando, sabe? Passando a mão no outro, se acariciando, uma coisa... é estranho pra sociedade?”

Surgiram também falas de aceitação, que prenuncia uma mudança de costumes e a possibilidade de se aceitar relacionamentos afetivos como uma necessidade do ser humano e não pode estar restrito exclusivamente a um determinado período da vida:

An. “Por que um de 50 que está vivendo uma paixão de 15 não vai dar?”

E. “Não importa a idade, você tem o direito de amar, de gostar, de sentir-se feliz...”

4.2.7 Categoria – *Perdas e ganhos*

Os participantes do grupo focal referem-se à velhice por dois aspectos predominantes o das perdas quando se referem à perda da beleza, da agilidade, da saúde, do vigor da força. E dos ganhos, quando nos dizem que o velho ganha sabedoria, experiência, maturidade, discernimento. Entretanto, quando pedimos aos componentes que façam um balanço entre perdas e ganhos que a velhice traz não traduzem em fala essas representações. Podemos atribuir essa dificuldade à maneira como a questão foi abordada pela pesquisadora ou ainda a não concepção do envelhecimento como gerador de algum ganho. As falas são as seguintes:

A. “É uma perda assim tão grande que eu acho que tem alguma coisa errada, não é a velhice”

A. “O resultado seja lá qual for vai me ajudar a amadurecer mais com certeza, porque sempre a gente vai buscando experiências pra aumentar o seu conhecimento”

A. “Eu acho que devo fazer esse balanço só depois que morrer”

Baltes (citado em Silva, 2000) propõe um modelo de envelhecimento que entre outros fatores, refere-se ao envelhecimento satisfatório como a capacidade de equilibrar as perdas e os ganhos advindos da velhice, ainda que o balanço se torne menos positivo à medida que se envelhece. Comenta, ainda, que é necessário que o envelhecimento seja um processo geral de otimização com compensação. Portanto, para que aquilo de positivo que é projetado para a velhice se configure como uma

realidade, é necessário que o jovem aceite a velhice como uma possibilidade de ganhos além das perdas já conhecidas quase exaustivamente.

4.2.8 Categoria – *Morte*

Rey (2002) destaca que não é necessário que o discurso se repita entre os demais participantes de um grupo para ter relevância na análise qualitativa, portanto incluímos a referência à morte, apesar de ter havido poucas referências.

A categoria que trata da morte se divide em duas subcategorias:

- a) Morte biológica
- b) Morte social

Apesar de poucas referências, a representação da morte surgiu de maneira muito forte, em um discurso pleno de significados e cifras que não puderam ser desvendadas pela pesquisadora, entretanto a forma com a participante do grupo elaborou a frase e a colocou para os demais, deu pistas da importância do sentido e afetos incorporados àquela colocação, traduzindo a velhice para um significado imediato de morte:

E. “Quando você chega realmente na velhice, não estou falando daqueles de ficar sentado, não, a velhice mesmo, de carne, de morrer, essas coisas, quando chega realmente na velhice realmente ela cansa”

Fontaine (1999) nos fala da morte como algo que fascina e angustia talvez por isso o grupo, apesar do tema remeter à discussão da morte, pouco tenha se aprofundado no assunto.

A aposentadoria é citada na discussão como imediatamente subsequente à morte: podemos entendê-la de forma metafórica ou concreta. Em Haddad (1986), a partir do que diz o geriatra Ralph Berg a aposentadoria é apontada como causa de inatividade, o médico chega a dizer que os que se aposentam passam a ser “mortos-

vivos” por aí, sem atividade, em praças, sem papel social que lhes confira importância. Haddad (idem) afirma-nos que essa visão da aposentadoria é elitista, tendenciosa e embuída da ideologia do trabalho.

Aposentadoria como morte social é o tema de Fontaine (1999) e destaca que o indivíduo não se considera velho enquanto conserva seu papel produtivo. Se pela aposentadoria o indivíduo fecha-se em seu ser biológico, mostra-se limitado em relação à adaptação a outros papéis, indicando a impossibilidade de uma velhice bem sucedida, podendo passar mesmo a patológica, com verdadeiro risco para a saúde.

Por outro lado, Mascaro (2004) indica que os indivíduos podem e devem engajar-se em outras atividades que lhes dêem satisfação e que os façam recuperar o sentido de suas vidas produtivas.

Nas expressões a seguir podemos ver exemplos da morte social nas frases dos participantes do grupo focal:

A. “Aí depois os filhos saem de casa, se aposenta, acabou a vida da pessoa, né? Aí envelheceu, vai morrer”

A. “A gente se prepara pra morrer só, a gente se prepara para aposentar e aposentadoria é a morte, é o começo da morte, é o começo do fim”

4.2 Dificuldades encontradas

Ao fim da análise dos resultados do material coletado na conversa focal orientada pelo objetivo proposto nesse estudo, gostaríamos de compartilhar as dificuldades encontradas para efetuar o grupo focal que serviu de inspiração a essa investigação: a maior dificuldade encontrada foi de conseguir que pessoas maduras do sexo masculino aceitassem compor um grupo de discussão que tratasse do assunto envelhecimento. Como queríamos incluir sujeitos que ainda estivessem em atividade profissional e não só aposentados, fizemos alguns convites a pessoas ainda em atividade laborativa. Uma das negativas foi dada por um homem aparentado uns 60

anos, enquanto fazia uma caminhada rápida e vigorosa de manhã cedo: “vai tomar muito o meu tempo?”. O que nos remeteu à idéia da importância da atividade e do uso do tempo preconizado pela sociedade em que vivemos que privilegia pessoas ágeis, rápidas e com grande número de atividades a desempenhar.

Um outro convidado, 68 anos, funcionário público com alto salário, fala da própria aposentadoria como algo muito desejado, a princípio aceitou o convite, entretanto depois sugeriu que fizéssemos o convite a outras pessoas, freqüentadoras de um centro de convivência para idosos, alegando *não ter experiência como idoso*. E, ainda, que precisava dar assistência a um filho que estava em vias de separar-se da esposa. A pista que esta situação nos sugere é a da importância da manutenção dos papéis sociais e da velhice como um processo atingindo outras pessoas, como destacam Simone de Beauvoir em seu livro *A Velhice*, bem como Skinner, em *Viva Bem a Velhice* e Milan Kundera em seu livro *A Imortalidade*.

Um outro senhor, ciclista amador, aposentado, quando lhe falamos do tema envelhecimento, disse-nos “*eu não estou ficando velho! Se você quiser falar de outra coisa, estou à disposição...*” Essas três experiências relatadas dão-nos pistas de que o envelhecimento além de começar em diferentes idades para diferentes pessoas, parece ser encarado principalmente por pessoas do sexo masculino como algo acontecendo com o outro. Corroborando esta interpretação das experiências relatadas, Fontaine (1999) sugere que não se deveria falar de velhice e sim de velhices, pela heterogeneidade e diferentes percepções de envelhecer.

Uma dificuldade de outra ordem enfrentada no convite aos homens aponta-nos para outro estilo de envelhecer: são pessoas que até aceitariam responder a um questionário ou participar de uma entrevista, mas não aceitam se expor aos outros velhos, indicando-nos para uma possível vergonha de seu envelhecimento e como se não quisessem ou não pudessem ser vistos, afirmando-nos que responderiam de bom grado a uma entrevista, mas não teriam interesse em participar de uma conversa focal.

Só começamos a ter sucesso no convite a pessoas do sexo masculino, quando de alguma forma o tema foi mascarado, falando-lhes da vida adulta e não de envelhecimento.

Os convites feitos às mulheres foram todos prontamente aceitos, a pista sugerida vem ao encontro do resultado da pesquisa realizada analisando prontuários de 303 pacientes do Ambulatório de Geriatria do HUB – Hospital Universitário de Brasília, por Linhares (2003), onde se destaca que quase 70% dos usuários deste serviço são mulheres e têm mais de 60 anos. Portanto, mais mulheres participam do serviço de saúde na área de geriatria e estão preocupadas com as questões do envelhecimento.

Quanto aos jovens, a maior dificuldade encontrada referiu-se a não disponibilidade de tempo, principalmente por se tratar da discussão de um tema que parecia não lhes dizer respeito e principalmente estar muito longe de sua realidade presente. Segundo Skinner (1985) o melhor tempo para começar a pensar na velhice é a juventude, parece-nos, entretanto, que esta é uma avaliação que se faz já na velhice, haja vista a produção deste livro de Skinner ter sido motivada pela vontade de compartilhar suas estratégias de bom envelhecimento, mas já ter sido produzido na velhice.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos resultados obtidos através do estudo foram identificadas oito categorias, por sua vez divididas em algumas subcategorias. As representações sociais mais marcantes desta investigação dizem respeito à negatividade com que os jovens concebem a velhice do outro e à positividade com que projetam seu próprio envelhecimento. Ainda que sejam apresentados alguns aspectos positivos da velhice.

Investigações, já citadas na fundamentação teórica, ressaltam aspectos de perdas trazidos pela velhice e destacam vários resultados de trabalhos a respeito da velhice pelo prisma da negatividade. Tais achados confirmam os dados obtidos neste trabalho em relação a uma velhice representada socialmente pelo aspecto da negatividade. Entretanto, diante de resultados que apontam para algumas contradições, considerando um mesmo tema, sugerimos que sejam investigadas as possíveis variáveis que resultaram nessa aparente contradição, tais como classe social, diferentes faixas etárias, escolaridade, região onde residem e até região de origem podem ter influência em uma percepção diferenciada da velhice. E até propriamente a forma como a investigação está sendo conduzida, pois a subjetividade do investigador e suas próprias representações sociais podem ser interessantes variáveis a serem observadas.

Em nosso trabalho observamos que ao mesmo tempo em que o jovem vê a velhice de forma negativa, idealiza um velho com o qual gostaria de conviver. A negatividade pode ser resultado de conceitos mantidos e reforçados por representações sociais que se apóiam em elementos da ciência gerontológica que são distorcidos nos processos de comunicação interpessoais e na mídia e que se referem à velhice como “problema”, “questão social” ou “doença”. Ou, ainda, pode ser atribuída às condições sociais da maioria da população que vive próximo a linha da pobreza. Outro ainda ao sistema de produção de bens e serviços predominante nas sociedades capitalistas modernas que privilegiam o vigor, a rapidez e a produtividade. Essas construções sociais seriam, portanto, reflexo dos contextos culturais, sociais e políticos em que se formam.

A idealização de uma velhice positiva ou da existência de um velho sábio, puro, sem malícia, quase mítico pode ser uma forma de afastarmos a perspectiva sombria de envelhecer em um país pobre, sem políticas públicas definidas de socorro aos desvalidos, aos sem renda, aos sem esperança. Envelhecer em um país que não cuida sequer dos seus jovens é assustador, por isso ao projetarmos nosso envelhecimento dizemos “será maravilhoso!”.

O velho desejável é o velho que parece jovem, o que nos leva a refletir se o que é desejável não é de fato a juventude, daí a indústria investir bilhões de dólares para garantir a promessa que faz: possibilitar a eterna juventude. Como o “El Dorado” dos tempos modernos, não mais queremos riquezas em ouro, queremos agora parecer indefinidamente jovens como uma possibilidade de afastarmos a morte.

O amor é uma prerrogativa da juventude, fruto talvez de uma sociedade que a privilegia, que privilegia a produtividade e que, apesar de fazer o discurso de esperar que o velho seja sábio, não o ouve, ignora-lhe os conselhos, não aceita sua experiência dizendo-lhe estar ultrapassado ou sequer lhe dá ouvidos.

Vivemos um momento no qual talvez seja necessário repensar nossos valores e quais valores queremos que nossos filhos aprendam. Repensar nosso sistema educacional. Não queremos ensinar as pessoas a envelhecerem, o que queremos é que as escolas ensinem nossos filhos e que eles nos ensinem a viver sem preconceitos, a aceitar o feio, o diferente, o antigo, o velho em um contexto de igualdade e respeito e, mais que isso, queremos que as pessoas aprendam a desenvolver suas próprias habilidades para construïrem uma realidade social que as possibilite enfrentar esta fase da vida com plenitude e que possam ser felizes.

Queremos que o jovem, o homem público ou mulher pública de amanhã, que tomarão em suas mãos os destinos dos povos, que vejam o velho e a velhice com respeito e os tratem com a dignidade que ora nos falta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. W. Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático / Martin W. Bauer, George Gaskell (editores). Trad. De Pedrinho Guareschi: - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOTELHO, Pedro Luiz Cortezi. Percepção sobre a aposentadoria (reserva) em oficiais de carreira das forças armadas. Brasília: UniCEUB, 2005. Monografia – Faculdade de Ciência da Saúde, UniCEUB. BRASILIA, 2005.

CARNEIRO, Rachel Simba. Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. Psicologia em estudo, Maringá-PR, Vol. 9, nº. 1, 2004.

GONZALES REY, Fernando Luiz. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios / Fernando Luiz Gonzáles Rey. / tradução: Marcel Aristides Ferreira Silva; revisão técnica: Fernando Luiz Gonzáles Rey –São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. (cap. 1 e 2)

GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.): Texto em Representações Sociais Prefácio Serge Moscovici!. 8. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. A ideologia da velhice / Eneida Gonçalves de Macedo Haddad – São Paulo: Cortez, 1986.

JUNG, Carl Gustav. A natureza da Psique. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LANE, Silvia T. Maurer. O que é Psicologia Social / Silvia T. Maurer Lane – 1 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1981 – (Coleção primeiros passos; 39)

LINHARES, Cristina Ramos Costa. Perfil da clientela de um ambulatório de geriatria do Distrito Federal. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre-RS, Vol. 16, nº. 2, 2003

MASCARO, Sonia de Amorim. O que é Velhice / Sonia de Amorim Mascaro. – São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção Primeiros Passos; 310)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde. 5 ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não-idosos / Anita Liberalesso Néri – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

NERI, , Anita Liberalesso; YASSUDA, M. S. (Orgs.) Velhice Bem sucedida: Aspectos Afetivos e Cognitivos. Campinas, SP. Papyrus, 2004.

OLIVEIRA, F. & WERBA, G. (2002). Representações Sociais. Em Jacques, M. G. (org), Psicologia Social Contemporânea. Petrópolis: Vozes.

PAPALIA, Diane E. Desenvolvimento Humano / D. E. Papalia e S. W. Olds; (tradução de Daniel Bueno). – Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2000.

PROFICE, Cristiana Cabiciere. As representações sociais do meio-ambiente: infância e ecossistema nas sociedades tradicionais. Disponível em: <http://www.uesc.br/viverbrincando> > Acesso em: 04/10/2005

RAPPAPORT, Clara Regina. Psicologia do Desenvolvimento / Clara Regina Rappaport, Wagner da Rocha Fiori, Claudia Davis. – São Paulo: EPU, 1981.

SKINNER, Burrhus Frederic. Viva Bem a Velhice / B. F. Skinner e M. E. Vaughan; (tradução de Anita Liberalesso Néri). – São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Iolete Ribeiro da. Papéis Sociais e Envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, Vol. 16, nº. 1, pp. 31 a 40, Jan-Abr. 2000.

SIQUEIRA, Renata Lopes de. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. Ciência & Saúde Coletiva, Vol. 7, nº. 4, pp. 899 a 906. 2002.

VELOZ, Maria Cristina Triguero. Representações sociais do envelhecimento. Florianópolis-SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

PROGRAMA DE SAÚDE DO IDOSO do MINISTÉRIO DA SAUDE, 2000

BRASIL. Lei 10.173, de 9 de janeiro de 2001. Código de Processo Civil, para dar prioridade de tramitação aos procedimentos judiciais em que figure como parte pessoa com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos. Publicada no Diário Oficial da União, em 10 de janeiro de 2001.

BRASIL. Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Código Civil Brasileiro. Publicado no Diário Oficial da União em 11 de janeiro de 2001.

BRASIL. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do idoso. . Publicado no Diário Oficial da União em 30 de outubro de 2003.



APÊNDICE

TÓPICO GUIA (JOVENS)

1. O que é ser velho?
2. O que é o envelhecimento?
3. Com que idade se está velho, cite alguém velho.
4. Quais as principais características de pessoas idosas; sabedoria X beleza; decadência.
5. Como vocês acham que as outras pessoas vêem os velhos?
6. Como vocês compreendem a aposentadoria na vida de uma pessoa: Solidão, isolamento, inutilidade, perda da capacidade de trabalho,
7. Para que servem velhos?
8. Como vocês acham que velhos se relacionam?
9. O que vocês acham que a velhice traz? Perdas e ganhos – balanço. Vocês acham que velhos precisam de cuidados diferentes de outras pessoas? Quais cuidados? Como é sua relação com seus parentes velhos ou pessoas mais velhas que não sejam parentes? Vocês acham que velhos tem estilos de vida diferentes dos jovens: esportes, sexo, viagens, grupos de convivência, trabalho, modernidade – internet, estudos – universidades abertas (aprendizagem de coisas novas), espiritualidade
10. Como vocês vêem seu próprio envelhecimento: planos para o futuro, o que eu posso fazer pela minha velhice (cuidados pessoais), o que a sociedade pode fazer – o que o governo pode fazer.
11. Quando vocês vêem um velho doente, em sofrimento, a quem vocês atribuem esta situação?
12. Vocês conviveriam com uma pessoa velha? Como ela teria que ser?

QUADRO DE CATEGORIAS

Categories	Subcategorias	Definição operacional da categoria	Exemplos
SER VELHO	Perdas Qualidades superiores Resistência à mudança	É a forma como o jovem vê o velho e quais suas atitudes em relação a ele	“Ela não tem as mesmas características de um jovem, a força dela já vem... diminui...” “O pessoal não consegue memorizar absolutamente nada... não consegue decorar uma senha com seis números”. “Pessoas assim de mais idade, mais maduras, que são assim tão sábias” “Ser velho pra mim é a pessoa que tem mais experiência de vida que sabe dar conselho”
INÍCIO DA VELHICE	Idade – tempo de ser velho Padronização de comportamentos Aposentadoria Aparência física Estado de espírito	É o marco a partir do qual o jovem percebe alguém como velho e quais os elementos com os quais faz a identificação de um idoso. Surge também a representação de as características comumente atribuídas aos velhos independe da idade.	“Ela já está caducando assim, já é natural, porque ela tem 85...” “E você pode encontrar uma pessoa de 60 anos que está totalmente, contrário, está ativa, está sabendo o que está acontecendo no mundo, está fazendo exercícios, está caminhando, está se comunicando com as pessoas” “Você pode chegar a 60 anos e não estar maduro” “Senhora de idade, sei lá 60 anos” “Acho que quando eu estiver depois dos 50, dos 60, não sei...” “Eu acho que não existe idade pra nada” “A pessoa começa a envelhecer a partir do momento que acomoda” “Porque a pessoa tem uma aparência, ela já de idade e tal” “Ela pode estar com 80 anos e assim, sabe... o espírito super conservado, esta acompanhando a nova juventude, assim, então, não tem relação com idade.” “Não quer dizer que ele é velho só porque aparenta ser velho”
VELHO: PALAVRA QUE INCOMODA		Essa representação traduz a preocupação em utilizar eufemismos para diminuir a percepção negativa da velhice	“Eu, particularmente, não gosto nenhum um pouco desse termo: velho. Eu acho uma coisa totalmente depreciativa, porque quando você pensa em coisa velha, é coisa imprestável, que não presta mais, que é feio, enferrujado e inútil mesmo, não tem valor, não se encaixa, ninguém quer. Eu não quero uma coisa velha.”
DESEJABILIDADE	Qualidade superiores Parecer jovem	Essa categoria traduz qual o velho aceitável ou desejável pelo jovem e aparece principalmente na semelhança esperada entre o velho e o jovem e, ainda, e na expectativa de que o velho tenha qualidades como sabedoria e pureza. O seu oposto é o indesejável.	“E tem pessoas assim de mais idade, mais maduras, que são assim tão sábias” “Ela parece mais uma pessoa jovem do que um...” “Ela é aquela, literalmente, a velha enjoada” “Eu acho que conviveria fácil com um velho assim”
PRÓPRIO ENVELHECIMENTO	Resulta comportamentos	O próprio envelhecimento é dado pela	“Tudo é uma consequência, se eu fizer as coisas certas, se eu me

	da juventude – positiva ou negativa Amparo da família Não-percepção	forma como os jovens projetam sua velhice e o que atitudes deverão ter para que sua velhice seja bem sucedida	interessar a me auto-conhecer” “Eu acho que a minha velhice vai ser maravilhosa” “Talvez você não consiga perceber que você está amadurecendo” “Depende muito da família” “Se eu me preocupar com meus filhos amanhã eles vão me dar esse amparo que um dia eu dei pra eles”
RELACIONAMENTOS	Comportar-se como jovem Não-aceitação	Representação de como o velho deveria fazer suas trocas afetivas	“Ela tem 50 anos, mas ela ta vivendo um romance como se fosse uma adolescente de 13, 14 anos” “Dois velhinhos juntos lá beijando, sabe? Passando a mão no outro, se acariciando, uma coisa... é estranho pra sociedade” “É estranho pela faixa etária deles”
PERDAS E GANHOS		É a contabilização entre o que se perde e o que pode ser ganho com o envelhecimento	“É uma perda assim tão grande que eu acho que tem alguma coisa errada, não é a velhice” “O resultado, seja lá qual for, vai me ajudar a amadurecer mais com certeza, porque sempre a gente vai buscando experiências pra aumentar o seu conhecimento” “Eu acho que devo fazer esse balanço só depois que morrer”
MORTE	Morte biológica Morte social	Paralelo direto entre velhice e morte	“Quando você chega realmente na velhice, não estou falando daqueles de ficar sentado, não, a velhice mesmo, de carne, de morrer, essas coisas, quando chega realmente na velhice realmente ela cansa” “Quando a pessoa se aposenta parece que ela só vai esperar a morte a partir daquele momento “